



Universidade de Lisboa
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território
Faculdade de Letras
Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

**O Fado e a valorização turística dos bairros lisboetas: estudo de caso no
bairro de Alfama**

Inês Sofia Fonseca Rodrigues

Dissertação orientada
pela Prof.^a Doutora Maria Luísa Rodrigues
Mestrado em Turismo e Comunicação

2016

Agradecimentos

A realização desta dissertação de mestrado contou com importantes orientações, opiniões e incentivos de pessoas às quais devo o meu agradecimento.

À Professora Doutora Maria Luísa Rodrigues, pela sua disponibilidade, cooperação e orientação durante todas as etapas do trabalho, bem como pela confiança depositada. O esclarecimento de dúvidas, as sugestões e as críticas construtivas foram determinantes para a concretização da investigação.

Ao Professor Doutor Vítor Ambrósio, pelo acompanhamento dos alunos desde o início do mestrado e pela transmissão de conhecimentos fundamentais à elaboração da dissertação.

Ao Professor Doutor Paulo Morgado Sousa, pelo fornecimento de importantes conteúdos que serviram para estruturar a componente metodológica.

A toda a minha família, em especial aos meus pais, pela educação, pela força e por me ensinarem a nunca desistir dos objectivos a alcançar.

Aos meus amigos pelo apoio, estímulo e perseverança incondicionais, compreendendo sempre a ausência nesta fase. Um agradecimento especial à Ana Pombo, ao Joel Moreira e ao Luís Soares pela partilha de informações e conhecimentos que fizeram a diferença na realização do trabalho.

A todos, o meu sincero obrigada.

Resumo

A presente investigação tem como objectivo fundamental perceber se o fado tem a capacidade de valorizar e promover turisticamente os bairros históricos da cidade de Lisboa, em particular o bairro de Alfama. Para tal, torna-se pertinente uma abordagem a esta temática, uma vez que o fado veio a consagrar-se Património Imaterial da Humanidade em 2011 e, a partir desse momento, não mais estagnou no seu desenvolvimento e evolução, seja em território português, seja além-fronteiras. Importa, primeiramente, descortinar a sua génese para, posteriormente, justificar a constante relação que vem mantendo com dois pólos simbióticos, actualmente bastante significativos para o país: a gastronomia e o turismo.

Fundamentalmente ligada às vertentes patrimonial, promocional e motivacional, esta investigação pretende avaliar qual a envergadura que o fado assume hoje num dos bairros mais célebres da capital, bem como qual o papel que o sector turístico ali desempenha e quais as consequências que a sua presença pode ter para o local e para alguns dos seus intervenientes.

A realização de um levantamento funcional das Casas de Fado existentes em Alfama e de três inquéritos a públicos distintos (proprietários das Casas de Fado, moradores de Alfama e turistas de visita ao bairro) foram os principais instrumentos de recolha de dados para o presente estudo. Em geral, estes permitiram observar que hoje, nestes bairros históricos lisboetas, o universo fadista nos transporta para uma turistificação deste produto cultural, onde com ele interagem proprietários das Casas de Fado, os moradores do bairro e os turistas que o visitam, convergindo-se todos no mesmo espaço: o bairro de Alfama.

Cada vez mais encenado para um público estrangeiro, o fado vai procurando manter a sua autenticidade e dando voz ao galardão recebido, através da preservação e valorização da identidade cultural presente no bairro mais antigo da capital portuguesa. Por sua vez, Alfama tenta conservar o seu cunho tradicional e bairrista, como sempre foi conhecida, acompanhando uma nova dinâmica social devido à presença de forasteiros, ao mesmo tempo que se tenta evitar a sua descaracterização.

Palavras-chave: Fado; Património Imaterial; Turismo; Casas de Fado; Alfama

Abstract

This current investigation's main goal is to understand if the fado music has the ability to enrich and promote, in a touristic way, the historic neighbourhoods of Lisbon, particularly Alfama. Therefore, it becomes pertinent to approach this theme, since the fado came to be World Immaterial Heritage in 2011, and from then on it no longer stagnated in its development and evolution, whether in Portuguese territory, whether in foreign lands. It is important, first of all, to unveil its origins, in order to, later, justify its constant relationship with two symbiotic poles, currently very important to the country: the gastronomy and the tourism.

Mainly connected to the heritage, to promotion and motivation, this investigation intends to evaluate which is the wingspan that the fado takes on nowadays in one of the most famous neighbourhood of the capital, as well as which is the role played by tourism and what consequences can its presence bring to the area and to some of its intervenients.

The attainment of a functional inquiry to Fado Houses in Alfama and of three public surveys to distinctive publics (owners of Fado Houses, Alfama's inhabitants and tourists visiting the neighbourhood) was the main instrument to gather data to the present study. In general, these surveys allowed to observe that today, in these historical Lisbon neighbourhoods, the fado universe brings us to a touristic manufacture of this cultural product, where the owners of the Fado Houses, the neighbourhood's residents and the visiting tourists interact, converging in the same space: Alfama.

Increasingly reenacted to a foreign audience, fado keeps on trying to conserve its authenticity and to give voice to the prize won, through the preservation and valorisation of the cultural identity present in the oldest neighbourhood of the Portuguese capital city. In its turn, Alfama tries to maintain its traditional and intimate nature, as has always been known, keeping in track of a new social dynamic due to the presence of foreigners, whilst trying to avoid its mischaracterization.

Key-words: Fado; Immaterial Heritage; Tourism, Fado Houses; Alfama

ÍNDICE

Resumo.....	i
Abstract.....	ii
Índice de Figuras.....	iv
Índice de Quadros.....	v
Abreviaturas.....	vi
Capítulo I – Introdução.....	1
1.1. Contextualização.....	2
1.2. Relevância do estudo.....	4
1.3. Objectivos da investigação.....	4
1.4. Instrumentos de recolha de dados.....	5
1.5. Estrutura da dissertação.....	5
Capítulo II – O fado no panorama mundial e nacional.....	7
2.1. O fado como Património Imaterial da Humanidade.....	8
2.2. Origens e importância do fado na cultura musical lisboeta.....	11
2.2.1. O fado em Lisboa nos séculos XIX e XX.....	12
2.2.2. O período pós 25 de Abril de 1974.....	16
2.2.3. O repertório do fado e a sua importância para a cidade de Lisboa.....	17
2.3. A relação entre o fado e o turismo.....	21
2.3.1. As Casas de Fado.....	22
2.3.2. O fado e a gastronomia.....	24
2.3.3. O fado e a sua atractividade turística.....	27
Capítulo III – Metodologias utilizadas.....	32
3.1. Levantamento funcional das Casas de Fado.....	33
3.2. Inquéritos.....	35
3.2.1. Proprietários das Casas de Fado.....	35
3.2.2. Habitantes.....	38
3.2.3. Turistas.....	40
Capítulo IV – Tipologia dos estabelecimentos: categorias e distribuição espacial.....	43
4.1. Características do bairro de Alfama.....	44
4.2. As Casas de Fado em Alfama.....	50
Capítulo V – Resultados obtidos nos inquéritos.....	59
5.1. Proprietários das Casas de Fado.....	60
5.2. Habitantes.....	63
5.3. Turistas.....	66
Conclusões Finais.....	71
Referências Bibliográficas.....	81

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: <i>O Fado</i> , obra de José Malhoa, 1910.....	14
Figura 2: Poema de Frutuoso França censurado pela PIDE em 1938.....	15
Figura 3: Obra de tributo à fadista Amália Rodrigues na Rua de São Tomé, em Alfama.....	21
Figura 4: Edifício do Museu do Fado em Alfama.....	29
Figura 5: Delimitação da Freguesia de Santa Maria Maior na zona sudeste de Lisboa.....	34
Figura 6: Roupa estendida nas janelas de um prédio em Alfama.....	47
Figura 7: Vista panorâmica sobre o bairro de Alfama do Miradouro de Santa Luzia.....	47
Figura 8: Alfamistas a conversar no Largo do Chafariz de Dentro.....	49
Figura 9: Azulejos pintados à mão numa parede da Rua da Regueira.....	51
Figura 10: Azulejos pintados à mão numa parede da Rua da Regueira.....	51
Figura 11: Localização dos estabelecimentos com espectáculos de fado no bairro de Alfama.....	54
Figura 12: Localização dos estabelecimentos por ocorrência de espectáculos de fado no bairro de Alfama.....	58

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Guião do inquérito aplicado aos proprietários das Casas de Fado.....	37
Quadro 2: Guião do inquérito aplicado aos habitantes do bairro de Alfama.....	39
Quadro 3: Guião do inquérito aplicado aos turistas.....	41
Quadro 4: População residente em Alfama.....	48
Quadro 5: Categorias dos estabelecimentos com Fado em Alfama.....	55
Quadro 6: Resultado dos inquéritos aos proprietários das Casas de Fado de Alfama.....	61
Quadro 7: Resultado dos inquéritos aos habitantes de Alfama.....	64
Quadro 8: Resultado dos inquéritos aos turistas.....	68

Abreviaturas

AML	Área Metropolitana de Lisboa
CML	Câmara Municipal de Lisboa
EGEAC	Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural
EPUL	Empresa Pública de Urbanização de Lisboa
INE	Instituto Nacional de Estatística
OMT	Organização Mundial do Turismo
PENT	Plano Estratégico Nacional do Turismo
RATF	Reorganização Administrativa do Território das Freguesias
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Será o Fado capaz de valorizar e promover turisticamente os bairros lisboetas?

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Habitado a apelidar Lisboa como a sua cidade-berço com o passar dos séculos, a constante evolução e distinção do fado musical pode, primeiramente, vir a responder a esta questão. Tendo o seu lugar bem guardado e preservado no mercado da música portuguesa, actualmente o fado pode ser entendido como uma representação da nacionalidade, sendo um ícone da cidade de Lisboa. Descrito inúmeras vezes como um estado de alma que aproxima o fadista e o ouvinte no seu estado mais puro, o fado faz parte do “código genético da alma lisboeta e, até portuguesa” (Felisberto, 2012: 4).

Desde sempre que a música portuguesa acompanhou de perto as principais transformações económicas, políticas e socioculturais do país, simbolizando, ao mesmo tempo, tradição e cultura, temporalidade e espelho de gerações seculares. As suas canções revelam a cada verso as experiências mais intensas e flagrantes da história portuguesa, contam almas e traduzem estados de arte fugazes, ou não fosse a música, de acordo com Correia (1984: 90), “um grito inventado pela dor”.

Em Portugal, desde cedo que a canção passou a ser um factor de reunião entre as pessoas sobre temas concretos, bem como uma espécie de meio de propaganda de ideias. O período que sucedeu ao 25 de Abril de 1974 foi decisivo para a redefinição da música portuguesa; os compositores adaptam as suas composições às mudanças do país, o canto sai para a rua e começam a circular livremente no mercado mais obras radiodifundidas. Com o término da influência da esquerda radical iniciada em Portugal desde Abril de 1974 e a partir do golpe militar de 25 de Novembro de 1975, a música portuguesa assiste a um período de viragem, passando por um processo evolutivo, tal como o fado, um dos géneros musicais altamente alienados até então.

O país e o seu povo, ainda “feridos” pelos momentos de opressão e ditadura impostos pelo regime salazarista, passam por um processo de mudança, quer ao nível sociocultural, quer, sobretudo, ao nível político. Lisboa, embora cidade com forte vínculo ao seu passado, desenvolve-se com os olhos postos no futuro e na modernidade. Cidade antiga carregada de histórias não deixa que a sua pequenez, em comparação com as restantes capitais europeias, influencie o que tem de melhor para oferecer. Lisboa, “cidade dos bairros históricos e das ruas serpenteantes, que sobem e descem pelas colinas” (Gomes, 2011: 38), funde o seu

multiculturalismo à riqueza inesgotável que possui em história, cultura e património. Paisagens culturais, mosteiros e monumentos são hoje alguns dos elementos integrantes da lista do Património Mundial da Humanidade da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO). O fado, primordial objecto de estudo nesta investigação, também a integra, desde Novembro de 2011.

Em Portugal, ouve-se e canta-se o fado com todo o seu valor e significado de quem assume essa responsabilidade. Há quem o considere o espelho da alma do povo lusitano. São-lhe também associados sinónimos como “destino”, “sina”, “fadário”, “fatalidade” ou “fortuna” resultando, de acordo com Anacleto (2008: 32), uma “confluência positiva de uma globalização de atitudes antropológicas de diversão, de curiosidade, de assimilação e transformação, defendidas por uma língua comum: o português”. E Lisboa é, frequentemente, a cidade que dá voz ao fado, quer seja melancólico, corrido ou vadio. A personificação da capital está frequentemente representada nos mais variados temas “como um ser humano, e do sexo feminino, não poucas vezes como uma boémia, ou, pelo menos, mulher de vida airada” (Casarini, 2012: 14).

Em pleno século XXI, o Fado – expressão da cultura portuguesa com mais de 150 anos – está mais vivo que nunca, (en)cantando a vida de um povo, ora sofrido, ora alegre, ora enfadonho que, entre um “vai-se andando” e um “cá estamos”, não descarta as suas raízes ancestrais e o vasto acervo musical que Portugal contém, que lhe confere uma autenticidade única. Oriundo do século XIX, o fado prefigura uma marca identitária para o país, sendo um elemento formador da nossa identidade cultural (Felisberto, 2012).

A ideia principal desta investigação é conferir o papel que o fado pode ter na valorização turística de um determinado lugar. O modo como os *stakeholders* o percebem será também uma fonte relevante para o presente estudo. O foco desta investigação prende-se com o contributo que o Fado assume na valorização dos bairros da capital, uma vez que “é uma expressão musical encontrada em todo o território nacional, mas reconhecida como legitimamente lisboeta, apesar de algumas variações regionais” (Casarini, 2012: 18). Ao nível geográfico, o estudo será realizado na área metropolitana de Lisboa, dando particular ênfase a um dos “pontos de localização no mapa da cidade” (Gomes, 2011: 25): o bairro de Alfama.

Assim, pretende-se com a presente dissertação compreender qual o principal contributo ao nível turístico que a ligação entre o Fado e o bairro supracitado pode trazer para os intervenientes locais e para a cidade de Lisboa, tendo como estudo de caso o bairro histórico de Alfama.

1.2. RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Sabe-se que o fado assume uma importância acrescida no contexto cultural português, comprovada pelo seu destaque nacional e até mesmo além-fronteiras. Género musical apelidado frequentemente como “autêntico” e “puro”, o fado é muito mais do que a própria aceção da palavra. Importa salientar que, sendo esta uma expressão da cultura portuguesa com mais de 150 anos, ninguém fica indiferente quando ouve um fadista a entoar “de alma e coração” (pois é assim que o fado deve ser cantado) poemas com anos de história ou simplesmente versos improvisados acabados de escrever ou de inventar.

A pertinência do tema “O Fado e a valorização turística dos bairros lisboetas: estudo de caso no bairro de Alfama” justifica-se na medida em que o fado é das canções mais cantadas em Portugal, mantendo e conservando a sua visibilidade e distinção, fazendo jus à sua tradição e aos genes de artistas consagrados que lhe deram voz. Além disso, sendo parte do Património Cultural Imaterial do país é hoje, de acordo com o Turismo de Portugal (“Património Portugal”, s.d.), “uma música do mundo”.

Lisboa, cidade maioritariamente constituída por bairros, cada qual com as suas festas, costumes e tradições, será o cenário principal desta investigação, tal como já o foi em diversas canções, poemas ou até filmes de renome. As “cidades fadistas”, falando especificamente de Coimbra e Lisboa, têm formas distintas de cantar e tocar o Fado. Mas é nos bairros tradicionais da capital que ele habita e que faz aquecer os corações da gente que lá mora e dos transeuntes que por lá se cruzam. De acordo com Gomes (2011: 86), Alfama encontra-se entre aqueles “em que imediatamente se pensa quando se fala nos bairros populares de Lisboa”. É, por isso, o eleito para explorar as relações entre o Fado e os seus contributos para a valorização turística de Lisboa.

1.3. OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO

Os objectivos estabelecidos para esta investigação pretendem dar resposta à pergunta de partida mencionada no início, destacando-se os seguintes objectivos a ela interligados:

- Estudar o Fado como Património Imaterial da Humanidade – origem, características e importância para a cultura musical portuguesa;
- Contextualizar o património do Fado no panorama bairrista de Lisboa;

- Analisar os impactos socioculturais do Fado presentes no bairro de Alfama;
- Estudar a promoção turística do bairro, após o reconhecimento do Fado enquanto Património Cultural Imaterial da Humanidade;
- Perceber se existem infra-estruturas suficientes neste bairro que dêem resposta à atracção turística proporcionada pelo Fado;
- Estimular o contributo do Fado na valorização e promoção turística do bairro de Alfama.

1.4. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

As ferramentas metodológicas são uma componente fundamental para a investigação, uma vez que vão permitir recolher dados passíveis de ser analisados e de permitir retirar conclusões fundamentadas.

Silva (como citado por Canário, 2013: 11), compara a etapa metodológica ao acto de cozinhar, dizendo o seguinte:

“Ao preparar um prato, o cozinheiro precisa saber o que ele quer fazer, obter os ingredientes, assegurar-se de que possui os utensílios necessários e cumprir as etapas requeridas no processo. Um prato será saboroso na medida do envolvimento do cozinheiro com o acto de cozinhar e de suas habilidades técnicas na cozinha. O sucesso de uma pesquisa também dependerá do procedimento seguido, do seu envolvimento com a pesquisa e de sua habilidade em escolher o caminho para atingir os objectivos da pesquisa.”

Deste modo, para esta investigação foi elaborado um levantamento funcional de 31 Casas de Fado existentes em Alfama, obtendo-se os dados de 31 Casas de Fado analisadas por tipologias, categorias e distribuição espacial na malha urbana de Alfama. Foram, ainda, aplicados inquéritos por questionário aos proprietários de 23 casas de fado, a 67 moradores e a 50 turistas de visita ao bairro.

A pesquisa e revisão bibliográfica, sobretudo livros, artigos, trabalhos de investigação e notícias, complementam a metodologia de carácter prático acima descrita.

1.5. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Para a concretização deste trabalho dividiu-se a dissertação em capítulos considerados essenciais quanto ao estudo do fado e da sua relação com incremento do turismo.

O segundo capítulo, intitulado “O fado no panorama mundial e nacional”, remete para a sua distinção como Património Mundial da Humanidade e a sua ligação com o turismo, fazendo também um breve sumário relativamente às origens do fado e à sua importância para a expressão musical portuguesa. Para realizar um enquadramento teórico relativo à génese do Fado, foram consultados diversos autores e ideias que se resumem neste capítulo.

O terceiro capítulo relativo às “Metodologias utilizadas” pretende explicar os instrumentos, métodos e técnicas que foram utilizados na investigação, a fim de recolher dados de natureza qualitativa e quantitativa para posterior tratamento e análise.

No quarto e quinto capítulos, com os títulos “Tipologia dos estabelecimentos: categorias e distribuição espacial” e “Resultados obtidos nos inquéritos”, respectivamente, pretende-se apresentar os resultados obtidos, seguindo-se hipóteses de justificação e conclusões.

Por último, apresenta-se uma súmula das conclusões finais do trabalho.

CAPÍTULO II

O FADO NO PANORAMA MUNDIAL E NACIONAL

O segundo capítulo desta investigação pretende fazer uma aproximação geral à componente teórica do objecto em estudo. Para tal, é importante que se aborde o fado do ponto de vista patrimonial, referenciando o processo que levou à sua importante distinção em Novembro de 2011, que dignificou este recurso cultural e artístico um pouco por todo o mundo, tendo sempre em conta a preservação da sua identidade nacional. Além do mais, torna-se também importante perceber qual a verdadeira génese do fado, embora ainda não haja uma teoria indubitável e consensual. Compreender os factos antepassados do universo fadista em Portugal e, nomeadamente, em Lisboa, pode explicar o seu desenvolvimento e dignificação actuais. Por fim, este capítulo aborda a estreita ligação entre o fado e o turismo, cuja relação tem vindo a progredir gradualmente, explicando o incremento das Casas de Fado (abordadas posteriormente), o sector gastronómico a estas associado e a atractividade turística que os espectáculos de fado envolvem.

2.1. O FADO COMO PATRIMÓNIO IMATERIAL DA HUMANIDADE

A 17 de Outubro de 2003, a UNESCO aprova em Conferência Geral a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, previamente discutida em Paris, entre 29 de Setembro a 7 de Outubro do mesmo ano. Dentro das suas finalidades primordiais, “salvaguarda”, “respeito”, “sensibilização” e “cooperação” foram as palavras de ordem que viriam a sobressair na Convenção (UNESCO, 2003).

Aí, de acordo com o artigo 2º, ficou decidido o seguinte:

“Entende-se por “património cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu património cultural. (...); Entende-se por “salvaguarda” as medidas que visam assegurar a viabilidade do património cultural imaterial, incluindo a identificação, documentação, investigação, preservação, protecção, promoção, valorização, transmissão – essencialmente pela educação formal e não formal – e revitalização dos diversos aspectos deste património.”

A candidatura do Fado ao estatuto de Património Imaterial da Humanidade teve como objectivo, não só elevar e salvaguardar esta expressão musical enraizada na cultura portuguesa “sendo possível afirmar que o Fado (...) é um elemento outorgante dessa alma” do povo português (Felisberto, 2012: 38), mas também catalogar, organizar e conservar a documentação existente e os acervos representativos para a comunidade do Fado, que permitisse uma transmissão de conhecimentos e uma promoção no plano nacional e

internacional. O fado não é apenas o conteúdo musical que dá voz a uma determinada cidade, mas antes um elemento modelador da identidade lusitana.

Já em 2009 as candidaturas portuguesas à Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade (UNESCO) eram tema de conversa (Canário, 2013) pelo que, em Junho do ano seguinte, a Câmara Municipal de Lisboa (CML) decide apresentar a Candidatura do Fado àquele órgão internacional. Esta alicerça-se, pondo em prática um plano de salvaguarda do seu património, em redor de cinco áreas indispensáveis (CML, 2011: 9-11):

1) “Envolvimento da Sociedade Civil através de uma rede de cooperação institucional que, num plano integrado, reúne instituições académicas, museológicas, arquivísticas, associações e colectividades de recreio (...) que são detentoras de acervos relevantes para o estudo do tema e/ou representativas dos interesses da comunidade do Fado”;

2) “Educação/Formação através da implementação de Programas Educativos (...)”;

3) “Edição/Investigação através da implementação de um programa editorial de fontes históricas, musicais, poéticas, iconográficas, sonoras (...)”;

4) “Dinamização e revitalização de espaços tradicionais de Fado através da criação e desenvolvimento de Circuitos Temáticos na cidade de Lisboa (...)”;

5) “Acções de promoção no plano nacional e internacional do universo e da cultura do Fado”.

O desenvolvimento da candidatura foi efectuado através da Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (EGEAC) e do Museu do Fado, em parceria com o Instituto de Etnomusicologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Os fadistas Mariza e Carlos do Carmo apadrinharam esta candidatura, tomando a posição de embaixadores. “Só posso sentir uma enorme alegria por esta candidatura e acreditar profundamente no seu interesse” (CML, s.d.) e também “é importante para retribuir ao Fado a dignidade que ele merece” (*in* Diário de Notícias, 2010) foram alguns dos depoimentos destes artistas relativamente à candidatura da qual orgulhosamente fizeram parte.

A decisão de elevar o fado a um patamar superior, bem como a sua conquista suscitaram dúvidas no público em geral. Houve quem se pautasse pelo optimismo, havendo contudo opiniões mais cépticas e descrentes relativamente ao seu sucesso, característica bastante arreigada no povo português. Todavia, de acordo com o então Presidente da CML António Costa, “a Câmara Municipal de Lisboa soube sempre que tinha nas mãos um dos grandes símbolos da nossa identidade e um dos grandes meios da nossa projecção no Mundo” (CML, 2011: 3).

O fado, esse “produto da criatividade do sujeito” (Felisberto, 2012: 45), concorreu a um lugar de excelência no panorama nacional e mundial, aliando-se a outros bens já inscritos como Património Mundial da UNESCO, tais como a Torre de Belém, o Mosteiro dos Jerónimos, a Paisagem Cultural de Sintra, o Centro Histórico do Porto, o Mosteiro de Alcobaça ou o Mosteiro da Batalha. Sendo um elemento etnográfico inigualável e um símbolo nacional de referência, o fado demarca-se como património genuinamente português, que o torna inseparável da imagem internacional que o país transporece. Portugal via assim, mais uma vez, o seu nome entoado pelos quatro cantos do mundo, abrindo-lhe novas portas de afirmação e valorização para um país “capaz de trazer para esta expressão musical a ponte entre o que somos e o que queremos ser” (Mangorrinha, *in* Diário de Notícias, 2013).

A 6ª reunião do Comité Internacional da UNESCO foi decisiva para a admissão do Fado à categoria de Património Cultural Imaterial da Humanidade. Eleito pela UNESCO no dia 27 de Novembro de 2011 em Bali, na Indonésia, o Fado tornou-se a primeira expressão artística em Portugal a ser patenteada como tal e que, de acordo com Mendonça (2012: 81), “tem sido historicamente o género privilegiado por meio do qual a música popular portuguesa se internacionaliza”. O fado ultrapassa hoje a simples denominação de carácter musical que possui. Desde o êxito da sua candidatura que Portugal enriqueceu e viu, novamente, o seu património a ser reconhecido além-fronteiras, o que “trará, provavelmente, novos mecanismos de consagração e legitimação para o ambiente fadista” (Mendonça, 2012: 84).

Actualmente sabe-se que a candidatura portuguesa apresentada em 2011 à UNESCO ficou integrada no conjunto das sete melhores submetidas nesse ano. A distinção pretendida revelou aquilo que se adivinhava inegável: Portugal dava amplos passos na aposta cultural e turística, agora com as energias renovadas face a este reconhecimento universal de uma marca tradicionalmente portuguesa, um património imaterial de toda a comunidade nacional.

Prevê-se um futuro auspicioso para Portugal e para a comunidade do Fado. Manifestação cultural reveladora do âmago português, a sua evolução tem sido inegável, com o seu reconhecimento pelas salas que esgotam em muitos espectáculos, pelos novos talentos que advêm destas oportunidades, pelos turistas que chegam e se apaixonam por este género musical. “O fado sobrevive, vive e viaja pelo mundo, pelas agendas culturais, pelas salas de espectáculos, pela sua pujança e genuinidade” (Costa, 2012: 56). No estrangeiro é recebido pelas comunidades portuguesas e pelos restantes cidadãos que o admiram.

Portanto, o Fado é hoje uma expressão artística de uma multidimensionalidade ímpar: é a canção de Lisboa, de Portugal... e do Mundo.

2.2. ORIGENS E IMPORTÂNCIA DO FADO NA CULTURA MUSICAL LISBOETA

Não existe uma localização geográfica e temporal exacta para a génese do Fado, nem tão pouco há uma fundamentação lógica e científica para algumas hipóteses já apuradas em relação à sua origem. O tema foi já estudado e abordado por diversos autores conceituados nesta matéria que foram desenvolvendo várias suposições para o seu contingente aparecimento. Posto isto, este tópico é baseado num processo de recolha e pesquisa de fontes de vários autores relativamente a este assunto, de modo a fundamentar uma teoria o mais objectiva possível acerca da origem deste género musical português.

Embora entendido como um canto popular fortemente arraigado nos acontecimentos históricos e saudosistas de Portugal, o fado sempre gerou muita controvérsia e teorias hipotéticas no que toca às suas origens. Muitos consideram as descobertas marítimas do século XVI como as grandes influenciadoras do seu advento, uma vez que sempre tivemos fortes ligações com o mar, desde o período das navegações, guerras e conquistas; outros defendem que teve origem no final do século XVIII através de uma dança no Rio de Janeiro; o romance entre a meretriz Severa e o seu amante proveniente da aristocracia, o Conde de Vimioso, é apontado por muitos como o mito fundador do fado.

O poema “Fado Português” de José Régio fala de uma tendência marítima associada ao Fado, reproduzindo a ideia de que este remonta ao saudosismo dos feitos históricos de Portugal, tais como os Descobrimentos Marítimos, como demonstram as seguintes estrofes (Guinot, Carvalho & Osório, 1999: 255):

O fado nasceu um dia,
Em que o vento mal bulia
E o céu o mar prolongava,
Na amurada dum veleiro,
No peito dum marinheiro
Que estando triste, cantava.
(...)
Por esse mar além fora.
A guitarra, dim... dom, chora,
Tem pausas, ais e soluços.
E tão bem faz isto à gente,
Que o triste bruto valente
Chora sobre ela de bruços.”

Consta-se que, até ao final do século XVIII, a palavra *fado* não se relaciona com nenhum tipo de natureza musical (Nery, 2012). Enquanto expressão musical, ela só terá a sua aparição na sétima edição do Dicionário da Língua Portuguesa de António de Moraes Silva de 1878 (como citado por Casarini, 2012: 17):

“Fado, poema do vulgo, de carácter narrativo, em que se narra uma história real ou imaginária de desenlace triste, ou se descrevem os males, a vida de uma certa classe, como no fado do marujo, da freira, etc. Música popular com ritmo e movimento particulares, que se toca ordinariamente na guitarra e que tem por letra os poemas chamados fados.”

De acordo com Carvalho (1999: 39), nos finais do século XVIII “existia no Brasil uma dança designada por fado, bailada nas festas da sociedade branca colonial, mas evidenciando claras influências africanas, as quais se manifestavam na extrema sensualidade, próxima aliás de outra dança, o *lundum*”.

Mesmo com o seu carácter controverso, o Fado tomou o seu rumo ao longo dos séculos, assumindo especial destaque na cidade de Lisboa, onde diversos artistas viriam a marcar a história de um dos maiores símbolos do Património Imaterial português. A sua origem e história, baseada em constantes transformações políticas, sociais e culturais, constroem-se dia após dia e, de acordo com Guerra (2003: 66), “se o povo português é o único que canta fado é porque também foi protagonista de uma experiência particular”.

2.2.1. O fado em Lisboa nos séculos XIX e XX

É no século XIX que encontramos as principais referências ao fado. Nesta época, Lisboa é modelada pela pobreza, prostituição, marginalidade e clandestinidade, ambiente sustido em tabernas e bordéis. Para além disso, este foi um período de grandes mudanças sociais em Lisboa, uma vez que a nobreza se desmorona em detrimento da ascensão social e económica da burguesia. Com o passar do tempo, cresce nesta classe social um forte interesse pelo campo artístico e Lisboa evolui a olhos vistos, quer na imprensa e no teatro, quer nas actividades culturais e artísticas. Consequentemente floresce um novo conceito de sociedade urbana, tendo a si aliada a importância do proletariado.

Entre 1780 e 1821, a população de Lisboa cresce cerca de 62%. A vida boémia da capital continua presente pelas ruas bem como dentro dos bordéis e tabernas da cidade (Castela, 2011). Estes espaços, considerados de lazer, davam lugar a diversas formas de divertimento, incluindo a música e a dança de cariz popular, passando a designar-se como “casas de fado”, fado esse interpretado “inicialmente pelas ‘fadistas’, conotadas como as

‘mulheres da vida’” (Castela, 2011: 31). Em meados da segunda metade do século XIX, o crescimento da economia que se faz sentir em Portugal e, mais concretamente, em Lisboa, faz com que o fado se desloque dos ambientes marginais existentes para envolventes mais sofisticadas, fazendo parte dos lugares reservados das elites da sociedade, como os salões privados, modificando o seu repertório e amadurecendo o género. Em 1820 é claro o aparecimento do fado em Lisboa, ao mesmo tempo que surgem nomes como Maria Severa, Carlota Scarniccia e Custódia Maria, que se tornam celebridades icónicas para a comunidade fadista do século XIX.

Não obstante, é na segunda metade daquele século que se presencia um forte êxodo rural para as cidades, pelo que o fado surge também de uma mistura de diversos géneros musicais populares trazidos de vários cantos do país “que acabaria por se render a este novo género musical” (Castela, 2011: 10). Ademais, o fado começa a ser explorado nos teatros portugueses com as primeiras peças musicais e teatrais, através da sua visão satírica perante a realidade política e social do país.

O fado da época não exigia rígidas apetências auditivas musicais ou educacionais, conseguindo divertir o público à sua maneira “despreocupada”. A importância e recurso ao fado redobram nesta metade do século XIX através de, por um lado, publicações literárias e musicais impressas de diversos fados antigos ligados a outros mais modernos e, por outro, através do aparecimento dos primeiros estudantes fadistas, tal como Luiz d’Almeida Mello e Castro, que se tornou um dos mais notáveis artistas da época. Embora as principais “cidades fadistas” da altura serem Lisboa e Coimbra e sendo esta última considerada como o ponto de partida de algumas experiências musicais, Castela (2011) defende que não se deve confundir o Fado de Coimbra como sendo um sucessor directo do Fado de Lisboa, uma vez que ambos têm características e alturas distintas. Enquanto o primeiro canta o amor, o lamento e o saudosismo da vida boémia da cidade, o segundo entoia o infortúnio, o sofrimento, a sina e o destino.

Já nos finais do século XIX assiste-se a uma verdadeira “explosão” do fado. Nesta fase do seu amadurecimento e incremento foi um dos géneros musicais mais fortemente presente nas principais cidades de Portugal, culminando na sua evolução contínua e ocupando lugar na propaganda cultural e social no século XX – o fado começou a ser gravado no início deste século – que dura até aos dias de hoje.

Em 1910, o fado nasce na pintura, onde a obra *O Fado* de José Malhoa (fig. 1), vem atestar a construção da identidade iconográfica deste género musical. Também a rua sofre mudanças em busca de novos lugares e espaços de folia e diversão, onde o fado vai ganhando forma nos novos locais da cidade. Este passa a ser ouvido e cantado também em espaços da alta sociedade lisboeta, tais como palácios e casas da nobreza e da aristocracia, “mas também, nas ruelas esconsas e marginalizadas dos bairros históricos e típicos de Lisboa” (Felisberto, 2012: 4).



Figura 1: *O Fado*, obra de José Malhoa, 1910. Fonte: Museu do Fado.

No ano de 1926 António de Oliveira Salazar assumiu a pasta de Ministro das Finanças e sete anos depois é votada e aprovada a Constituição que delineava as políticas do Estado Novo, dizendo-se que o regime salazarista se sustentava em três FF: Fado, Futebol e Fátima. No entanto, o corporativismo de Salazar queria que todos estes pilares fossem controlados, à semelhança do poder político sobre o povo. O fado surge rapidamente no seio do mundo do espectáculo, nomeadamente na rádio e no cinema. Na década de 30, os opositores do fado propunham-se abolir qualquer manifestação desta expressão musical, tentando impor, segundo afirma Anacleto (2008: 151), “outra coisa, mais sociável, encorajadora, que reunisse mais gente, mais festiva, integradora e, eventualmente, mais de acordo com a ideologia hierarquizante e corporativa do Estado Novo”.

Naquele tempo, a escolha antecipada das letras das canções e das improvisações satíricas (características marcantes do Fado) tinha de ser pensada ao mais ínfimo pormenor, uma vez que as “letras de todas as cantigas passavam sempre pelo crivo da censura, seguindo muitas a sentença do lápis vermelho” (Anacleto, 2008: 161), como demonstra a fig. 2. Tal restrição impossibilitava, de certo modo, a demonstração total da verdadeira essência e vínculos do fado, inicialmente cantado em ambientes “galhofeiros”. A partir da década de 1950, altura em que António de Oliveira Salazar ainda dominava o país, “assistiu-se a uma instrumentalização política do Fado, por parte de sectores do regime salazarista” (Felisberto, 2012: 5).

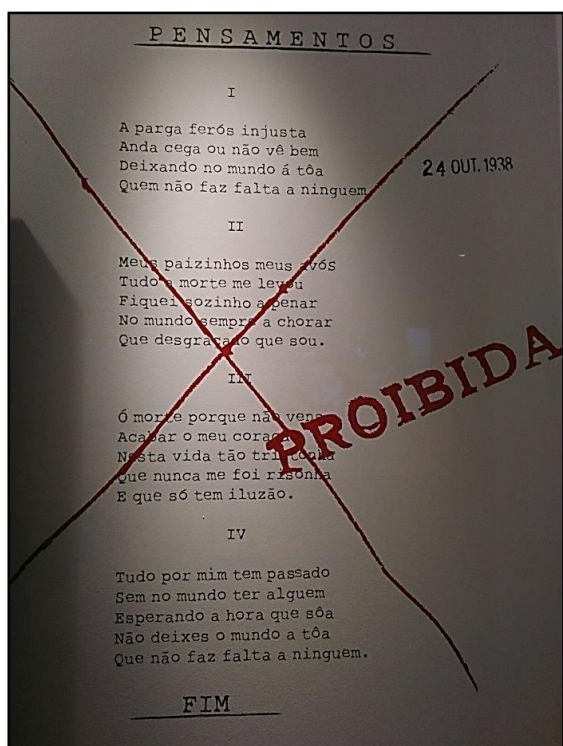


Figura 2: Poema de Frutuoso França censurado pela PIDE em 1938. Fonte: Museu do Fado.

É certo que o fado esteve estritamente conotado a um carácter mais boémio, remontando à sociedade da época contemporânea. No entanto, fazendo parte da música popular portuguesa, o fado desde cedo se revelou um pilar importante para Portugal, o país de Abril, onde “também a cantar os portugueses foram escrevendo a «sua» história” (Correia, 1984: 13). No período antecedente à Revolução dos Cravos, a música regional portuguesa suscitava um interesse suportado na autenticidade e no apreço pela tradição uma vez que, de acordo com Casarini (2012: 154), “a tradição é uma obsessão da alma portuguesa”.

2.2.2. O período pós 25 de Abril de 1974

Habitualmente a música popular portuguesa trouxe sempre consigo ventos de mudança, a luta pela liberdade e igualdade, bem como contra a opressão e tirania, sobretudo com a intervenção do povo que tudo fez para derrubar as forças salazaristas. José Afonso e Adriano Correia de Oliveira foram dos nomes mais importantes para a música de intervenção da época que, devido à opressão imposta pelo regime ditatorial, os levou a “entregarem-se” mais tarde ao exílio, acompanhados por Manuel Alegre, José Mário Branco, Sérgio Godinho, entre outros.

É sobretudo após o 25 de Abril de 1974 que se assiste a uma transformação na música popular portuguesa, devido à viragem política do país, surgindo um “surto verdadeiramente notável de quadras e outras formas poéticas” (Correia, 1984: 14). A partir de 1977, as mudanças no estado do país vão-se fazendo sentir, tentando recuperar de um período conturbado ao nível político, social e cultural. Nesse mesmo ano, Carlos do Carmo edita “Um Homem na Cidade” com o principal objectivo de dignificar o Fado. A partir do 25 de Abril tornava-se urgente cantar a mudança, sair à rua e gritar a liberdade, depois de tantos anos de repressão, ocupando a canção na nossa sociedade um lugar “indiscutível (...), num tempo de mudanças rápidas e de vida veloz” (Correia, 1984: 85).

Deste modo, a canção dos tempos de Abril de 1974 foi também um instrumento de comunicação de massas, em que o povo se juntava para abalar o governo e fazer a sua propaganda ideológica contra um regime “surdo e cego relativamente ao que se passava no mundo” (Anacleto, 2008: 161). Sendo uma expressão da vida do povo lusitano, a canção popular portuguesa espelhava aquilo que se estava a passar no país, lançando o mote para que houvesse uma redefinição da música tiranizada até então.

Devido às transformações de índole política ocorridas após Abril de 1974 e com a consequente extinção da PIDE e da censura, a década de 80 significou o começo de um período de abastada actividade e evolução no que diz respeito às bases de caracterização e universalização da expressão cultural portuguesa. As casas típicas onde se cantava o fado, hoje denominadas “Casas de Fado”, evoluíram a partir de meados do século XX, procurando distanciar-se do preconceito marginal de que eram apelidadas no início do mesmo. Como afirma Mendonça (2012: 72), os restaurantes ou as casas de fado “atingiram maior consolidação nas décadas de 50 e 60 do século XX e foram paulatinamente eliminando a presença do folclore, bem como os estrados ou palcos, o que levou a abolir a separação entre público e fadistas”. Porém, a marginalidade caracterizadora das casas de fado veio a

demonstrar-se como uma característica peculiar do género, sobretudo a partir da década de 80, o que deu origem ao “fado vadio”, elemento igualmente provador da autenticidade do fado.

Em 1998 é inaugurado o Museu do Fado, situado em Alfama, criado pela empresa municipal EGEAC, sendo “um ponto de partida, de passagem e de encontro para os apreciadores de fado, para os curiosos e para os turistas que atraídos pela fama do género musical pretendem conhecer e saber algo mais sobre esta música portuguesa” (Costa, 2012: 36). Importa também salientar, segundo Costa (2008: 148), “o papel da rádio e do teatro de revista, do disco e do cinema, dos restaurantes turísticos e televisão” decisivos para um período de viragem na história, valorização e dinamização do fado, fortemente censurado e reprovado no decorrer das políticas salazaristas.

2.2.3. O repertório do fado e a sua importância para a cidade de Lisboa

Durante largos anos, a prática fadista esteve relacionada com o preconceito, devido à marginalidade social da época. Hoje, o fado surge como uma expressão musical e cultural renovada oriunda da nova música popular portuguesa. Geralmente acompanhado por guitarra portuguesa, esta tornou-se, na passagem do século XIX para o século XX, o instrumento mais popular e distintivo, sendo uma peça ilustre do fado e tendo como “génio” o célebre guitarrista Artur Paredes. Género secular transmitido pela oralidade, o fado sempre encontrou em Lisboa o seu local de maior tradição, onde as típicas casas de fado se ligam a bairros culturais e adeptos deste género musical. Como atesta Carvalho (1999: 43), ao longo do século XIX, o fado “foi ganhando crescente popularidade, nomeadamente junto das camadas populares e nos bairros tradicionais – Alfama, com numerosa população negra e mestiça, Mouraria, Madragoa, Alcântara”.

Se até há uns séculos o fado era o retrato de uma sociedade vagabunda e boémia, nos dias de hoje ele é o espelho da alma, dado que aquele “torna-se extremamente complexo porque vive da autenticidade de sentimentos profundos, intraduzíveis por natureza. Não canta o fado quem quer” (Guerra, 2003: 129). Tem de ser algo genuinamente puro e emocional, em que o fadista seja capaz de expressar sentimentos e devaneios por meio da interpretação poética, dado que “é no fado que o português melhor transmite os seus sentimentos, os compreende e os racionaliza” (Felisberto, 2012: 48). Tal como defendia a fadista Amália Rodrigues, “o fado é uma coisa que não se procura, que não se vai comprar. O fado tem de estar dentro das pessoas, conforme a alma que a pessoa tem (...), tem de ter sensibilidade, tem de perceber aquilo que diz” (Bastos, 1999: 37).

Casarini (2012: 19-20) caracteriza o fado como um “ritual” português, principalmente lisboeta, revelando quatro elementos que determinam a severidade e a especificidade quase cerimonial no acto de cantar o fado, sendo eles:

a) O silêncio, relativamente às expressões musicais: “o fado é o que mais importância dá à ausência de barulho”;

b) A decoração das casas de fado: “decoradas de um modo específico, que, de certa forma, as une e as legitima como tal. Quadros na parede, além de fotos e cartazes com imagens de fadistas são praticamente obrigatórios (...), elementos típicos das touradas (...), objectos do fado, como guitarras antigas, xales, discos velhos”;

c) O serviço: “as comidas servidas são sempre típicas, como o bacalhau, a açorda, o polvo, a alheira (...), a bebida é o vinho e a cerveja. O serviço nas casas de fado acontece intercaladamente com as apresentações”;

d) Participação da audiência: “a recepção do fado parece exigir de quem dela participa um esforço quase tão forte quanto aquele demandado de quem o produz (cantores, músicos)”.

A conhecida frase “silêncio, que se vai cantar o fado” demonstra todo esse ritual demarcado a que o fado automaticamente nos transporta. Durante décadas, o fado esteve intimamente conotado com uma função “educativa”, servindo como importante vínculo de comunicação da população pobre e analfabeta, relatando factos quotidianos, feitos heróicos ou até anedotas. O primeiro fado lisboeta detinha um estilo lamentoso e melancólico, “pela presença de uma batida rítmica, sublinhada pelo bater dos calcanhares no chão e por movimentos da anca” (Felisberto, 2012: 10). Género primordialmente consumido e produzido pelo proletariado e o submundo da capital, o fado sempre esteve destinado às actividades de lazer e de cultura, proporcionando o encontro entre a comunidade, sendo mais tarde absorvido pela totalidade da população.

Habitualmente, aquilo que é cantado no fado encontra-se, muitas vezes, relacionado com a vida do próprio fadista, em temas frequentes como a saudade, o romance, a tragédia, a lamentação fatalista ou a cidade. Todavia, nem todo o repertório tem, necessariamente, uma conotação triste, apesar de muitas canções transmitirem um sentimento de melancolia, podendo ter um ritmo mais solto e corrido. Como defende Casarini (2012) os principais tópicos originais do fado, além do amor, que ainda hoje é constantemente abordados são o mar, a saudade e também Lisboa. Fala-se bastante da capital ou dos bairros lisboetas mais tradicionais que cantam fado, sendo também comum a referência aos seus personagens, tais como a Varina ou a Severa. O fado *A Cidade*, com letra de Ary dos Santos, é exemplo de como Lisboa é frequentemente escolhida como assunto principal em diversas composições (Portal do Fado, s.d.):

Em Lisboa, não morro mas espero
O Tejo, a água, a ponte e o Rossio
Em Lisboa, não moro mas espero
Um pouco menos Tejo e menos frio
(...)
Em Lisboa, gaivota que navega
No Terreiro do Paço, por acaso
Encontro a dimensão da minha entrega
No aterro onde me enterro a curto prazo
(...)
Lisboa meu amor, minha aventura
Em cada beco só uma saída
Alfama meu mirante de lonjura
Má fama que a nós todos dá guarida

Mas nesta angústia que eu canto
Lisboa não vem ao caso.

Diferente de outrora, hoje a função social mais importante do fado prende-se com o enaltecimento e preservação da tradição e do portuguesismo, cantado sobretudo nas tascas e tabernas bairristas da capital portuguesa, “como se o fado fosse a terceira cerca de Lisboa” (Casarini, 2012: 111). Também conceituados artistas foram relevantes no enaltecimento de Lisboa para o mundo do fado, tais como Alfredo Marceneiro ou Hermínia Silva que, segundo Anacleto (2008: 197), “contribuíram para a fixação do fado como algo de mais profundo e cultivado pela alma humana”. Mais uma vez, surgiam letras de fados em que Lisboa estava presente, até mesmo para homenagear personalidades que marcaram a história e a cultura de Portugal, como se pode verificar em algumas estrofes do fado *Lisboa de Camões, Vieira e Pessoa* (Portal do Fado, s.d.) da autoria de José Luís Gordo:

(...)
E no Chiado janota
Sentado na Brasileira
Lá está falando, o Pessoa
Do Padre António Vieira
Olá Lisboa, cidade das Sete Colinas
Do Camões e do Pessoa
De tantos nomes de proa
E das antigas varinas
Olá Lisboa dos poentes cor-de-rosa
Da tua Sé já velhinha

Tão perfeita e tão formosa
Cidade mulher rainha
(...)
De espelhos feitos de mar
Senhora de fado e saudade
Onde Alfamas se penteiam
Seis letras, nome, cidade.

Contudo, foi o exímio contributo de Amália Rodrigues que permitiu que Portugal e Lisboa (cidade onde passou grande parte da sua infância e adolescência) fossem (e)levados além-fronteiras durante o século XX. Nascida no seio de uma família pobre e numerosa, Amália já ganhava a vida a cantar desde os 4 anos de idade. Antes de atingir a maioridade, foi escolhida para solista da Marcha de Alcântara em 1936, encantando as ruelas lisboetas. A partir desse momento, a carreira da fadista teve uma ascensão incomparável, que lhe permitiu construir uma herança notável no universo fadista, percorrendo os quatro cantos do mundo com o fado na voz, desde as Américas até África.

Até à data da sua morte, Amália Rodrigues alcançou um percurso inigualável no mundo do fado, fazendo com que fosse considerada “um dos exemplos de persistência na divulgação da temática portuguesa” (Anacleto, 2008: 229). Hoje, o seu legado é dignamente respeitado e preservado, com muitos artistas a entoar os seus poemas e canções com orgulho. Carlos do Carmo, Mariza, Camané, António Zambujo são alguns dos muitos fadistas que dão voz à “rainha do fado”, esgotando espectáculos em salas do estrangeiro, elevando a cultura musical portuguesa ao mais alto nível. Recentemente, o *street artist* português Alexandre Farto, também conhecido como Vhils, criou uma efígie de Amália Rodrigues, com os calceteiros da CML, feita em calçada portuguesa, que, depois, constituiu a capa do disco de homenagem à fadista, *Amália, As Vozes do Fado*, como se observa na fig. 3.



Figura 3: Obra de tributo à fadista Amália Rodrigues na Rua de São Tomé, em Alfama.

Por conseguinte, pode-se dizer que o fado é uma das “bandeiras” de Portugal, revelando-o ao e no Mundo (Costa, 2012). De acordo com o mesmo autor, “o fado tem expressão na cultura e nas artes como muitos outros elementos não têm, e muitos outros nunca terão” (Costa, 2012: 26). E este é, de facto, genuinamente lisboeta, embora pertença a todo o país. A cidade deambula frequentemente pelas letras das canções, sendo que Casarini (2012), na sua pesquisa, encontrou mais de 600 fados que, de certo modo, expressam a cidade de Lisboa sendo, por isso, “das cidades mais cantadas do mundo” (Casarini, 2012: 77). A recente consagração fado como Património Imaterial da Humanidade serviu para comprovar, novamente, que na verdade Portugal é detentor de uma das mais belas formas de expressão artística e cultural que merece ser divulgada e vangloriada, onde a capital portuguesa se vem tornando o palco principal do fado, que faz com que seja apelidado como “A Canção de Lisboa”.

2.3. A relação entre o fado e o turismo

Como vimos nos pontos antecedentes, desde a sua origem o fado percorreu diversos trilhos que o levaram a atingir uma notoriedade inigualável no panorama musical português. Seguindo a linha de pensamento de Nery (2012: 28), “nestes alvares do século XXI, é inegável que ao longo dos últimos cinquenta anos o Fado foi adquirindo uma visibilidade crescente e uma presença marcante no conjunto da vida cultural portuguesa”. O autor

corroborar tal importância do fado afirmando que este “é hoje uma das correntes em maior afirmação no âmbito da chamada World Music internacional e no seio desta é cada vez mais olhado como uma matriz identitária do nosso país” (Nery, 2012: 28).

Actualmente, o fado aspira a ser um dos grandes atractivos nacionais no que diz respeito ao sector turístico, enquanto continua a ser um dos principais vínculos da cultura portuguesa. Carvalho (1999: 134) adianta que desde cedo, sobretudo a partir dos anos 30, passou a haver “a compreensão do potencial do Fado para uma realidade dos novos tempos com previsível importância económica: o turismo”.

Ao falar desta conjugação entre a cultura e o turismo, no caso do fado, há que abordar a história das Casas de Fado, uma vez que é nestes estabelecimentos que todas as noites se entoam várias cantigas enquanto se aprecia a tipicidade da comida portuguesa, algo que atrai cada vez mais o público forasteiro. Assim, o fado alia-se à gastronomia por ser um produto cultural versátil, até mesmo nas letras das suas composições. A atractividade turística do universo fadista assiste hoje a um crescimento gradual, presente sobretudo nas atracções dos bairros tradicionais lisboetas.

2.3.1. AS CASAS DE FADO

No século XIX, as Casas de Fado eram consideradas “espaços de boémia e prostituição lisboetas” (Nery, 2012: 56), com diversão e folia à mistura, onde indivíduos das camadas mais baixas da sociedade cantavam o fado rodeados por um ambiente marginal e delinquente. Posteriormente passaram a ser frequentadas por uma diversidade de pessoas, desde as classes mais abastadas da sociedade aos estudantes, jornalistas, engenheiros e intelectuais (Bastos, 1999).

Em meados do século XX, assiste-se gradualmente a um aumento da profissionalização das casas de fado que, aos poucos, “procuravam ser mais do que simples espaços com noites de Fado ocasionais” (Baldoegas, 2013: 43), abandonando, progressivamente, a “má fama” que lhes estava associada. Consequentemente, o fado tornava-se cada vez mais regular, passando a ocorrer com maior frequência nos estabelecimentos a si dedicados. No ano de 1928 é inaugurado o Solar da Alegria, sob gerência artística do fadista Alberto Costa, o primeiro espaço aberto idealizado como “casa de fado”, embora já fosse cantado com regularidade noutros restaurantes e cafés (Guinot *et al.*, 1999).

Paulatinamente, as Casas de Fado expressavam a sua sofisticação, concentrando-se maioritariamente nos bairros históricos e culturais da cidade de Lisboa, como Alfama, Graça, Bairro Alto e Madragoa. A descoberta de novos artistas era uma constante da época, arraigada nos estabelecimentos dos bairros mais associados a este estilo musical. A “explosão” do fado entre 1940 e 1960 deu origem a uma rede de Casas de Fado, o que possibilitou a sua afirmação como um mercado de trabalho bastante atractivo (Baldoegas, 2013). Para além disso, Carvalho (1999: 135) defende que “a existência das casas de Fado deu origem ao único tecido profissional regular da música popular portuguesa durante décadas”. Nos finais de 1940, estas Casas transformam-se em restaurantes típicos, tais como A Severa, O Timpanas e O Faia, contribuindo para “um movimento de reforço da sua própria autenticidade, facto que se mantém até aos dias de hoje” (Fonseca, 2011: 46). Este processo tinha como objectivo captar uma maior diversidade de público, nomeadamente turistas, o que, de acordo com Baldoegas (2013: 45), “levou os restaurantes a adoptar uma forte componente comercial”, uma vez que também recebiam artistas portadores de carteira profissional.

Diversos autores asseguram que quem quiser ouvir fado pela primeira vez deve fazê-lo precisamente numa Casa de Fado. Cantado a solo, por diferentes pessoas, ou à desgarrada, é lá que mora a verdadeira essência deste produto cultural. Frequentemente, os próprios proprietários e funcionários de determinados estabelecimentos também o cantam, sem receberem qualquer tipo de remuneração em troca pela actuação. Das inúmeras Casas de Fado existentes na cidade de Lisboa, Casarini (2012) considera que estas se dividem em dois grandes grupos: por um lado, as “casas de fado vadio” com uma envolvente mais informal e descontraída, onde o fado é cantado por fadistas amadores ou por pessoas do público; por outro lado, as “casas turísticas”, com um ambiente mais intimista e circunscrito, propício para atrair turistas, decoradas com elementos tauromáquicos e quadros de ilustres intérpretes do fado, onde o elenco geralmente é fixo e os espectáculos são previamente preparados.

Nos dias de hoje, as Casas de Fado adoptam uma posição marcadamente comercial, embora também lúdica, destinada ao público estrangeiro, não descurando, todavia, a apresentação de conhecidas personalidades do fado e novos talentos que tentam enveredar neste meio artístico. Num ambiente que permite transportar o ouvinte para outro mundo apelando às suas emoções e sensibilidade, as Casas de Fado são espaços onde o fado de Lisboa genuinamente se conhece e dá a conhecer, ajudando a conservar uma “tradição digna de ser preservada” (Correia, 1984: 290).

2.3.2. O fado e a gastronomia

Não seria legítimo se, ao falar-se no fado estreitamente ligado à actividade turística, não se abordasse igualmente a vertente gastronómica. Estes dois campos relacionam-se entre si, a partir do momento em que as Casas de Fado se aliaram à restauração. Associada às práticas de lazer e de consumo de produtos genuinamente portugueses, a gastronomia nacional mostra hoje uma importância acrescida no desenvolvimento económico e cultural do país. De acordo com Gomes (2011: 28), “no que diz respeito ao entretenimento, os guias destacam inevitavelmente o fado e outros estabelecimentos de diversão nocturna, as compras e a restauração”. É, por isso, incontornável abordar o fado e a gastronomia simultaneamente, como dois dos pilares fundamentais para a valorização e desenvolvimento turístico de Portugal e, particularmente, de Lisboa.

O sector gastronómico é considerado um atractivo turístico nacional e internacional que faz com que determinado país consiga obter um reconhecimento e uma autonomia territoriais. Elemento modelador de um determinado destino turístico que o distingue dos restantes, a gastronomia portuguesa vem sendo progressivamente distinguida e divulgada dentro e fora do território luso, “construindo para Portugal uma identidade gastronómica reconhecida e reconhecível” (Turismo de Portugal, “Prove Portugal”, s.d.). Assim, baseando-se nas tendências de procura internacional, o Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT), elaborado em 2006, designou a Gastronomia e Vinhos como um dos dez produtos turísticos estratégicos do país e como motor de desenvolvimento prioritário da oferta turística, seleccionado “tendo em conta os recursos e os factores distintivos de Portugal, mas também o seu potencial de crescimento futuro” (PENT, 2007: 63).

Tendo como base o tradicionalismo e o portuguesismo associados a muitos espaços de restauração, é essencial que continue a existir uma necessidade acrescida em preservar os sabores típicos que remetem para Portugal sempre que alguém os degusta. Através da gastronomia e dos vinhos nacionais a experiência turística tornar-se-á enriquecida, potenciando uma oferta distintiva para os turistas que visitam o país. Para isso, é igualmente importante que no futuro haja uma “selecção de pratos de referência a nível nacional, utilizando nomeadamente os produtos de qualidade certificada e promoção da qualidade dos estabelecimentos de restauração” (PENT, 2007: 122).

À semelhança do fado, em Dezembro de 2013, a Dieta Mediterrânica alcança a classificação de Património Mundial Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Tal acontecimento veio comprovar, novamente, que a gastronomia é indubitavelmente um sector

competitivo para o país e que existem razões mais que suficientes para que haja uma crescente aposta na promoção dos produtos regionais e endógenos, o que levará a um forte reconhecimento internacional da gastronomia portuguesa. De acordo com Silva (2012: 31), esta “é um valioso recurso turístico (...) que exerce atracção e apela ao desfrute tanto da parte de forasteiros como dos anfitriões”.

Efectivamente, não é apenas pelos seus merecidos galardões que o fado e a gastronomia portuguesa se complementam entre si. A ideia de sentar à mesa estes dois patrimónios tem em si a oportunidade de experienciar sabores típicos nacionais, ao mesmo tempo que se escuta a “canção de Portugal”. Como as Casas de Fado são também estabelecimentos de restauração, existe uma associação entre dois tipos de Património Cultural Imaterial: a gastronomia – que se pretende que seja tipicamente portuguesa – e o fado – um género musical puramente nacional. Para além disso, importa salientar uma característica fundamental no que toca ao universo do fado, depois de quase dois séculos de vida, que é “a sua partilha em espaços de proximidade (tascas, restaurantes, tertúlias)” (Mendonça, 2012: 80).

Em ambientes acolhedores e tradicionais, as Casas de Fado sustentam as suas ementas maioritariamente nas especialidades da casa, não desprezando os pratos típicos portugueses, levados à mesa ao som da guitarra portuguesa. O caldo verde, o bacalhau, a açorda, o polvo, as iscas, a sangria e o vinho nacional são alguns exemplos da vasta quantidade de petiscos que não faltam no cardápio de uma Casa de Fados, onde o serviço e as apresentações musicais se intercalam e raramente se confundem (Casarini, 2012). Muitas delas incluem até menus especiais para grupos, com preços “promocionais”, em que o espectáculo de fado se realiza a seguir ao jantar, com o objectivo de atrair um maior número de clientes que não abandonam o estabelecimento sem antes provarem as iguarias portuguesas.

No entanto, não é apenas devido aos estabelecimentos ligados ao fado e à atractividade gastronómica portuguesa que estes dois factores se complementam. A gastronomia foi e continua a ser, a par da cidade de Lisboa, um dos temas cantado em algumas letras de fado. Se recuarmos ao ano de 1953 (ano da gravação da canção), encontramos a composição de Reinaldo Ferreira, que se tornou internacionalmente conhecida após a interpretação de Amália Rodrigues, que serviu também ao Estado Novo como propaganda política. A letra de *Uma Casa Portuguesa* demonstra a importância da gastronomia – onde se inclui o vinho – para a cultura portuguesa e para a união das famílias à mesa, fazendo referência à simplicidade e hospitalidade do povo, tal como se pode observar nas seguintes estrofes (Portal do Fado, s.d.):

“Numa casa portuguesa fica bem,
Pão e vinho sobre a mesa.
E se à porta humildemente bate alguém,
Senta-se à mesa co'a gente;
Fica bem esta franqueza, fica bem
E o povo nunca desmente;
Que a alegria da pobreza
Está nesta grande riqueza
De dar e ficar contente.

Quatro paredes caiadas, um cheirinho a alecrim,
Um cacho de uvas doiradas, duas rosas num jardim,
Um São José de azulejo, mais o sol da primavera
Uma promessa de beijos, dois braços à minha espera
É uma casa portuguesa, com certeza
É, com certeza, uma casa portuguesa

No conforto pobrezinho do meu lar,
Há fartura de carinho.
E a cortina da janela, é o luar
Mais o sol que bate nela;
Basta um pouco, um pouquinho p'ra alegrar
Uma existência singela;
É só amor, pão e vinho
E um caldo verde, verdinho
A fumegar na tigela.”

O tradicional pastel de nata, conhecido como Pastel de Belém, eleito em 2011 como uma das Sete Maravilhas da Gastronomia portuguesa, é também tema principal de uma das composições do autor e intérprete Leonel Moura. A letra do *Fado do Pastel de Nata* faz jus à uma das especialidades mais importantes da doçaria tradicional portuguesa, dizendo o seguinte (Portal do Fado, s.d.):

“Vai à mesa do freguês
Servido em salva de prata
Esse vaidoso burguês
É nobre é português
O belo Pastel de Nata
Bem cremoso e tostadinho
O rei da pastelaria
Amigo do cafezinho

É melhor ainda quentinho
Quando nasce um novo dia

É servido com canela
Ou servido ao natural
É de aparência singela
Esta iguaria tão bela
No mundo não há igual

É famoso no estrangeiro
E tanta vaidade tem
Dos pastéis é o primeiro
E o povo do mundo inteiro
Vai aos pastéis de belém.”

Definitivamente, é possível afirmar que hoje o fado e a gastronomia são como dois pólos simbióticos que complementam as suas potencialidades. A integração da Gastronomia e Vinhos no PENT, a nomeação da Dieta Mediterrânica como Património Mundial Imaterial da Humanidade e a classificação do Fado como Património Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO, fazem destes pilares fundamentais no que diz respeito ao desenvolvimento do turismo nacional, conotando-se claramente como factores diferenciadores e valorativos do país. Parece, portanto, existir uma relação tridimensional no país onde a gastronomia, o património e o turismo são os elementos de maior destaque.

2.3.3. O fado e a sua atractividade turística

Actualmente a atractividade turística dos territórios combina o património cultural, edificado e imaterial, com as intervenções mais criativas e inovadoras. Quanto aos turistas, estes estão mais abertos a explorar novas experiências e a descobrir diferentes leituras dos lugares, que enriqueçam a sua viagem e a tornem inesquecível. Relativamente ao turismo, Portugal é um país de primeira linha que, ultimamente, vem sendo galardoado e premiado pelas mais diversas entidades. Cada vez mais é feita uma aposta nesta área versátil, tendo consciência das necessidades dos turistas e os recursos locais existentes. Na verdade, o sector do turismo tem vindo a ganhar uma importância acrescida para a economia do país, representando 11% do PIB em 2004 (PENT, 2007) e que “irá contribuir positivamente para o desenvolvimento económico do país, representando, em 2015, mais de 15% do PIB e 15% do emprego nacional” (PENT, 2007: 6).

Presentemente, segundo dados da Organização Mundial do Turismo (OMT), Portugal é o quarto país da União Europeia com mais receitas no que diz respeito ao sector turístico. De acordo com o Jornal Económico, “as receitas acompanharam o aumento de visitantes e ultrapassaram os 10 mil milhões de euros” (*in* Económico, 2015), sendo que, segundo confirmação dos dados do Turismo de Portugal (2016), as receitas do turismo em 2015 representaram 10,598,1 milhões de euros, com uma variação relativa de 10,1% face ao ano anterior. Este pressuposto tem a sua confirmação no número diário de turistas que visitam a capital portuguesa e que vêm nos bairros tradicionais lisboetas locais imperdíveis de conhecer. Bastos (*in* Expresso, 2015) adianta que “é quase impossível não tropeçar em turistas numa altura em que Lisboa está a receber, em média, 35 mil por dia, quase todos concentrados em bairros históricos como Alfama, Baixa ou Castelo”.

A publicação “O Turismo em Números” (2016) do Turismo de Portugal, baseada em dados do Turismo de Portugal, do Instituto Nacional de Estatística (INE), da ANA – Aeroportos de Portugal e do Porto de Lisboa, apresenta alguns dados estatísticos pertinentes relativamente à importância do segmento do turismo em Portugal e que podem justificar a atractividade turística da capital. Primeiramente confirmou-se um aumento do número de estabelecimentos na Área Metropolitana de Lisboa (AML) entre o ano 2013 e 2014, sofrendo uma variação de 3,7%, destacando-se a tipologia “Hóteis”. Para além disso, no ano passado, o número de hóspedes estrangeiros na AML em estabelecimentos hoteleiros, aldeamentos e apartamentos turísticos foi de 3,398 milhares, com particular destaque para as nacionalidades alemã, holandesa, inglesa e italiana, verificando-se, comparativamente a 2014, uma variação relativa de 7,4%. Os aeroportos portugueses também sentiram esta afluência turística à capital sendo que, no Aeroporto da Portela, em 2014, o número de passageiros internacionais desembarcados foi de 7,427,940, registando-se um aumento em 2015 com 8,166,019 passageiros, o que significou uma variação de 9,9% entre os dois períodos.

Galardoada constantemente nos últimos anos com diversos prémios – entre os quais se destaca o porto de cruzeiros e a qualidade dos *hostels* – Lisboa tem vindo a superar recordes relativamente ao sector turístico, dado que “só este ano, já recebeu mais de 3,5 milhões de viajantes. As receitas do sector em Portugal estão a crescer três vezes mais do que em Espanha ou Itália, por exemplo” (Bastos, *in* Expresso, 2015).

Ora, o fado é hoje um produto particularmente importante no que diz respeito à atracção turística do país, concentrando-se particularmente em Lisboa. De acordo com Costa (2012: 82), o fado “pode ser meio de promoção e divulgação de Portugal no Mundo. É elemento potente e atractivo de turismo, de economia, de comércio”. Por outro lado,

Mendonça (2012: 81) defende que o “seu papel não é menos relevante na dinâmica cultural e turística lisboeta, com numerosos concertos, estabelecimentos públicos com sessões regulares e tertúlias eventuais”.

Actualmente, o Museu do Fado é um dos atractivos mais prestigiados quando se aborda esta expressão artística portuguesa. Espaço único, localizado numa das zonas mais antigas da cidade, o Bairro de Alfama, e detentor de uma polivalência de actividades e de uma programação diversificada que inclui *workshops*, concertos, exposições e colecções para público nacional e estrangeiro, o Museu do Fado tem como objectivo convidar o visitante a conhecer ao pormenor a história do fado, desde a sua génese até à actualidade (fig. 4). Segundo o “Relatório e Contas 2013” da EGEAC, empresa que gere este equipamento cultural, no ano de 2013, o Museu do Fado registou um total de 168.877 ingressos correspondentes ao “valor global dos visitantes do Museu e dos participantes da programação de concertos e exposições produzida pelo Museu do Fado noutros espaços da cidade” (EGEAC, 2013: 15). Eventos como “Há Fado no Cais” e “Festival Caixa Alfama” são alguns dos exemplos de programas que pretendem dar a conhecer os mais reconhecidos nomes do fado, que melhor o representam, desempenham e difundem, e que fazem com que estes festivais atraiam todos os anos um maior número de visitantes à cidade.



Figura 4: Edifício do Museu do Fado em Alfama.

Deste modo, o fado encontra a sua melhor expressão e tradição em Lisboa, sendo que os bairros da cidade possuem maior importância turística neste campo. Após o terramoto de 1755, o planeamento urbano e a reconstrução da cidade foram fundamentais para aquilo que Lisboa é hoje. A preservação e manutenção estética dos bairros lisboetas deve-se, sobretudo, a

uma crescente aposta por parte das entidades competentes, num longo processo de reabilitação e requalificação destes centros históricos e patrimoniais. Há, ainda, uma grande preocupação em manter a imagem e a harmonia dos locais urbanos, pelo que têm havido intervenções nos bairros para aumentar o seu potencial turístico, sendo que hoje os bairros populares da capital possuem um papel no que toca à representação da velha Lisboa (Gomes, 2011).

É certo que um lugar tem de ser capaz de atrair visitantes pelo que, quanto maior for o número de pontos de interesse turístico em determinada área, mais simbólica e representativa ela se torna para o visitante. (Gomes, 2011: 88) atesta que Alfama, Baixa, Bairro Alto e Belém “são os lugares que melhor definem Lisboa e em torno dos quais gira todo o discurso turístico”, uma vez que “eles tornam-se testemunhos vivos da história de Lisboa, onde se podem encontrar as marcas da sua identidade, o fado, as imagens pitorescas e os modos de vida tradicionais”. Para esse efeito, Gomes (2011: 36) acrescenta que “é ao fado (...) e aos bairros de Alfama e Bairro Alto que os guias dedicam maior atenção e, apesar do claro ascendente de Alfama, são estes os bairros considerados como o berço da canção de Lisboa”. O tradicionalismo associado aos bairros da capital e a hospitalidade com que os seus moradores e os portugueses em geral habitam os turistas fazem com que estes possam desfrutar das potencialidades que Lisboa tem para oferecer, descobrindo, ao mesmo tempo, o universo fadista que a percorre.

Certamente, ninguém fica indiferente ao modo como o turista reage quando “aterra” em Portugal e se depara com a imponência e a beleza de Lisboa. Desde o clima ameno com uma luminosidade própria, às sete colinas, à multiculturalidade, à diversidade da oferta turística e à riqueza do património cultural, todos estes aspectos fazem de Lisboa um dos destinos turísticos a ter em conta na hora de planear uma viagem. Veja-se que, nos últimos seis anos, Lisboa foi eleita três vezes como Melhor Destino “*City Break*” na Europa e duas vezes como Destino de Cruzeiros pela *World Travel Awards* (World Travel Awards, s.d.). Segundo Canário (2013: 73), foi também por um conjunto de elementos como “a gastronomia, os cafés, os teatros, os museus, os bairros típicos, os edifícios históricos e religiosos, as cores da cidade, os azulejos, o Fado, a riqueza histórica e religiosa” que Lisboa mereceu ser eleita pelos leitores do guia de viagens *Best in Travel* da *Lonely Planet* como o Segundo Melhor Destino Turístico para 2012, superando cidades como Barcelona, Londres e Berlim (*in Lonely Planet*, 2011).

Leal às suas tradições e costumes, tais como as festas populares e o fado, Lisboa aposta também nos seus bairros pitorescos para vender a sua imagem, sendo hoje uma cidade

de contrastes, dividida entre o histórico e o cosmopolita, o tradicional e o moderno (Gomes, 2011). Na verdade, citando Casarini (2012: 155), “a tradição de Portugal sempre foi vendida como um dos grandes atractivos turísticos do país” e a relação de Lisboa com o universo do fado é um dos exemplos mais vivos de que há memória. Para o autor, não restam dúvidas que “todo o turista que entra numa casa de fado, naturalmente, espera ver o típico: pessoas fantasiadas com trajes populares, casas decoradas à moda antiga, comidas tradicionais. E pagam para isso, o que ajuda na manutenção dos elementos ritualísticos” (Casarini, 2012: 21). Há claramente um fascínio inexplicável por parte dos turistas pelo ambiente envolvente do fado, embora esse factor possa acabar por afastar a população local (Casarini, 2012).

Com o passar dos anos, Lisboa tem intensificado e preservado as práticas artísticas e culturais que se lhe associam, onde o fado desempenha um papel preponderante na conservação da tradição e como meio de afirmação da identidade portuguesa e das trocas interculturais entre diversas comunidades. Costa (2008: 119) acrescenta ainda que “o fado é veículo de turismo, presença constante nos meios da emigração, e aparece com frequência em vários tipos de discurso apologéticos ou promocionais, como emblemático da ‘identidade nacional’ ou da ‘cultura do povo português’”. Não descurando as suas raízes seculares, esta componente cultural de Lisboa pode, segundo Mangorrinha (*in* Diário de Notícias, 2013), “ser um trunfo indispensável para a construção de uma poderosa marca portuguesa, cultural e turística, que sobreviveu pelo menos século e meio como tradição oral e, presentemente, se reinventa a partir da sua autenticidade interior e das influências exteriores”.

CAPÍTULO III

METODOLOGIAS UTILIZADAS

Para a presente investigação, os métodos adoptados vão de encontro ao que realmente se pretende observar e estudar relativamente ao Fado. Como tal, recorri sobretudo aos contributos dos autores Quivy & Campenhoudt (2008) do *Manual de Investigação em Ciências Sociais* para tentar aplicar as metodologias mais adequadas.

Será o Fado capaz de valorizar e promover turisticamente os bairros lisboetas? Os procedimentos utilizados terão como propósito fundamental responder à questão central de partida desta investigação, contribuindo para analisar e compreender qual a posição actual do Fado e da sua componente turística no bairro de Alfama, quer por parte de quem lá vive, de quem lá trabalha ou de quem o visita.

Assim, comecei por realizar um levantamento funcional das Casas de Fado distribuídas pelo bairro de Alfama. Com esta metodologia pretende-se, por um lado, recolher dados pertinentes relativamente à distribuição espacial daquelas, às diferentes tipologias das casas, à frequência de ocorrência de espectáculos e, por outro lado, contactar com a realidade local, através do trabalho de campo na zona supramencionada.

Ainda, para complementar o trabalho de campo, utilizei o instrumento metodológico do inquérito por questionário de “administração indirecta” (Quivy & Campenhoudt, 2008: 21), ou seja, preenchido pelo próprio inquiridor, a três públicos-alvo distintos, sendo eles: os proprietários das Casas de Fado de Alfama, os habitantes do bairro e os turistas que à data da aplicação dos inquéritos se encontravam de visita a esta zona específica da cidade. Todos os inquéritos, feitos sob anonimato, foram recolhidos junto dos inquiridos nos meses de Junho e Julho de 2015.

Através destas etapas metodológicas será possível compreender de que modo é que um produto cultural tão fortemente enraizado na identidade portuguesa como o Fado pode valorizar e dinamizar do ponto de vista turístico os bairros da cidade de Lisboa, nomeadamente, o bairro de Alfama.

3.1. LEVANTAMENTO FUNCIONAL DAS CASAS DE FADO

A Reorganização Administrativa do Território das Freguesias (RATF), tendo sido aprovada pela Assembleia da República (de acordo com o Dec. Lei n.º22/2012 de 30 de Maio, o Dec. Lei n.º56/2012 de 8 de Novembro e o Dec. Lei n.º11-A/2013 de 28 de Janeiro), fez

com que Portugal sofresse uma reestruturação territorial dos limites dos seus municípios, em função do número de habitantes e da densidade populacional dos mesmos.

Com esta alteração, Lisboa é redefinida através de um novo mapa do concelho, sendo que de 53 freguesias passaram a ser apenas 24. As antigas freguesias que constituíam o bairro de Alfama e que são parte integrante desta investigação – Santo Estêvão, São Miguel e Sé – passaram por um processo de agregação devido à lei em vigor, juntando-se às restantes 9 (Castelo, Madalena, Mártires, Sacramento, Santa Justa, Santiago, São Cristóvão e São Lourenço, São Nicolau, Socorro) que actualmente representam a freguesia de Santa Maria Maior. Segundo Machado e Rolim (*in* Público, 2013), “a maior fusão a nível nacional agrega 12 juntas do centro histórico”.

A planta da cidade de Lisboa utilizada neste processo foi cedida pelo Professor Doutor Paulo Morgado Sousa, do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, em formato *shapefile*, posteriormente utilizada no *software* ArcGIS 10.2. Após o tratamento da informação sobre as Casas de Fado foi criado um *layout* onde foram inseridos os dados em formato cartográfico. Para fins de inserção no trabalho, a imagem final obtida no ArcGIS 10.2 foi exportada para formato *tiff*.

A fig. 5 mostra a delimitação da Freguesia de Santa Maria Maior da cidade de Lisboa, área principal de estudo nesta investigação, onde se insere o bairro de Alfama.

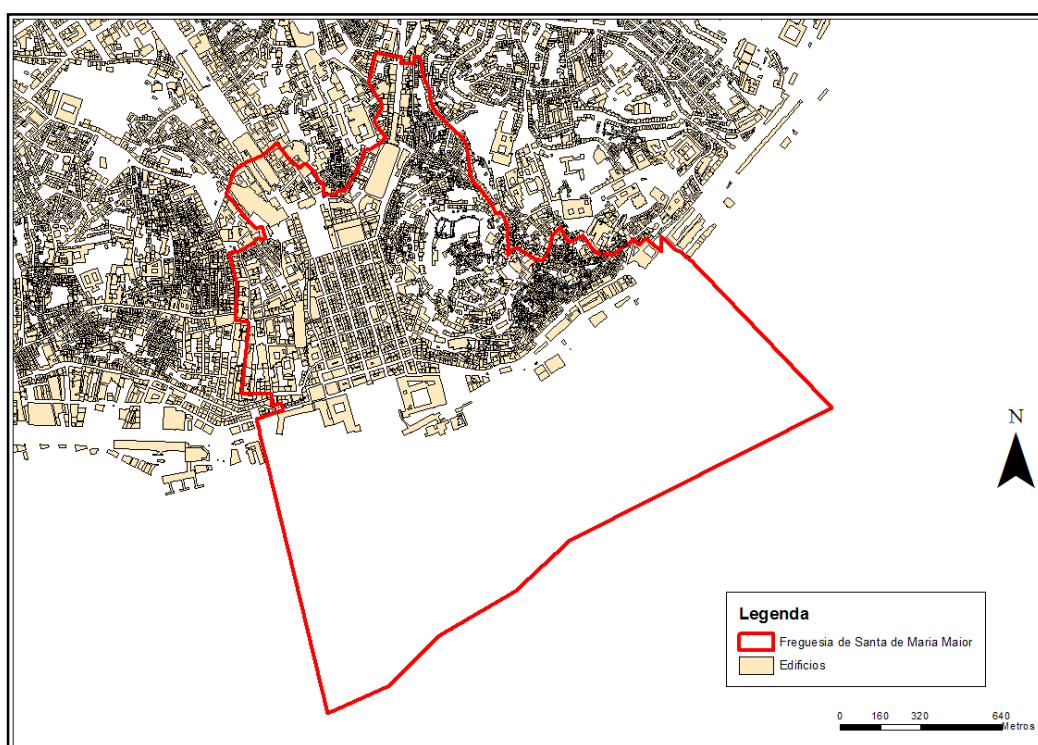


Figura 5: Delimitação da Freguesia de Santa Maria Maior na zona sudeste de Lisboa. Adaptado da Base Cartográfica dos Edifícios da CML, 2009.

Utilizando esta base cartográfica inicial, realizei um levantamento funcional da totalidade das Casas de Fado existentes no bairro de Alfama, que se encontra discutido no capítulo 4 do presente trabalho. Percorrendo as ruas do bairro a pé e batendo “porta-a-porta”, foi possível encontrar 31 estabelecimentos onde diariamente ocorrem espectáculos relacionados com este género musical. Com os dados recolhidos junto dos respectivos proprietários, dividi os estabelecimentos pelas seguintes categorias: tipologia (restaurante e/ou bar), ocorrência de espectáculos (todos os dias, 6 dias ou 2 a 5 dias) e consumo mínimo.

O objectivo crucial desta etapa prende-se com a avaliação pormenorizada da localização e quantidade de estabelecimentos com fado, bem como perceber qual a afluência habitual que poderá ter uma Casa de Fados nos dias de hoje, o que permitirá compreender as valências do turismo em Alfama através do universo fadista.

3.2. INQUÉRITOS

À semelhança da metodologia anteriormente descrita, os inquéritos foram escolhidos no sentido de existir uma aproximação directa entre o inquiridor e os participantes, para ter uma melhor percepção da sua opinião relativamente ao tema de estudo da investigação. Por outro lado, esta etapa permitiu também ter um contacto *in loco* com Alfama, podendo observar o dia-a-dia movimentado e a vida agitada de um dos bairros da cidade de Lisboa, uma vez que nele se podem encontrar as origens históricas da cidade, as ruas estreitas e labirínticas, os becos e vielas, as varandas decoradas com roupa a secar ao sol, as vistas sobre o Tejo (Gomes, 2011).

Com os inquéritos por questionário devidamente preenchidos, posteriormente procedi ao “tratamento de inquérito” (Quivy & Campenhoudt, 2008: 27), ou seja, a uma análise estatística dos dados recolhidos, com a finalidade de obter as conclusões desejadas para o estudo.

3.2.1. Proprietários das Casas de Fado

Depois de procurar saber qual era a totalidade de Casas de Fado existentes no bairro de Alfama, seja através de registo *online* ou questionando o Museu do Fado, apercebi-me que

não há muita informação acerca do número exacto de estabelecimentos onde ocorrem espectáculos de fado diariamente.

Por este motivo, decidi procurar as Casas de Fado “espalhadas” pelas antigas freguesias de Santo Estêvão, São Miguel e Sé, a fim de conseguir dados relevantes e representativos para a investigação. Como tal, não foi considerada uma amostra, mas sim o universo das Casas de Fado localizadas em Alfama, sendo que, dos 31 estabelecimentos encontrados, naquela ocasião apenas 23 proprietários estavam disponíveis para responder.

Com este inquérito pretendeu-se essencialmente perceber qual a tipologia de clientes que as frequenta e qual a sua nacionalidade, bem como de que forma o fazem (individualmente ou em grupo). Para além disso, avalia-se também o nível de afluência de clientes de cada estabelecimento, após a classificação do Fado como Património Imaterial da Humanidade em 2011.

O guião do inquérito, preenchido através de questionários aos proprietários das Casas de Fado, apresenta-se no Quadro 1.

Este inquérito divide-se, maioritariamente, em três conjuntos de questões. O primeiro, composto pelas três primeiras perguntas, pretende saber qual a tipologia de clientes que frequentam as Casas de Fado em Alfama e qual despende mais dinheiro. Na primeira e segunda perguntas apenas foi considerada a opção “Estrangeiros”, uma vez que nenhum dos proprietários abordou os “Nacionais”, não se justificando, por isso, a sua inserção nas respostas. A terceira pergunta serve para averiguar qual a nacionalidade que gasta maior quantidade de dinheiro quando visita este tipo de estabelecimentos. Este conjunto de perguntas servirá, essencialmente, para estudar a afluência diária de turistas às Casas de Fado, bem como para perceber quem é que hoje em dia procura este género musical – será que o português ainda vai ao fado? E está disposto a pagar por isso?

A quarta pergunta isola-se das restantes, no sentido em que vai de encontro aos *stakeholders* que influenciam os clientes na hora de visitar uma Casa de Fado. Aqui quer-se saber, primeiramente, qual a maneira escolhida pelos clientes para visitar estes locais: individualmente/casais ou em grupo (mínimo 8 pessoas). Mais uma vez, o papel do turismo será salientado, pois averigua-se se são os elementos ligados à actividade turística que aconselham os clientes (nomeadamente as unidades hoteleiras e as agências de viagem) ou, se por outro lado, são os amigos e os familiares que pesam na decisão.

Por fim, o último conjunto corresponde também à última pergunta deste guião. Uma vez que o tema em estudo é o fado e um dos tópicos abordados no início da investigação se relaciona com a sua nomeação como Património Imaterial da Humanidade, inquiriu-se os

proprietários das 23 Casas de Fado acerca da afluência de clientes no seu estabelecimento, sobretudo a partir de 2011. A ideia passa por compreender se a tal designação teve alguma influência num possível aumento do número de clientes de determinada Casa de Fado.

1.	Qual a tipologia de clientes que frequenta o seu estabelecimento?
	Estrangeiros <input type="checkbox"/>
	Ingleses <input type="checkbox"/>
	Alemães <input type="checkbox"/>
	Franceses <input type="checkbox"/>
	Outro _____
2.	Em média, em cada 10 clientes, quantos são estrangeiros?
	Estrangeiros _____
3.	Em média, quais dos clientes gasta mais?
	Nacionais <input type="checkbox"/>
	Estrangeiros <input type="checkbox"/>
	Ingleses <input type="checkbox"/>
	Alemães <input type="checkbox"/>
	Franceses <input type="checkbox"/>
	Outro _____
4.	De que forma os clientes visitam o seu estabelecimento?
	Individualmente/Casais <input type="checkbox"/>
	Em grupo <input type="checkbox"/>
4.1.	Se visitam em grupo, quem os aconselha?
	Hotel <input type="checkbox"/>
	Agência de Viagens <input type="checkbox"/>
	Amigos/Familiares <input type="checkbox"/>
	Outro _____
5.	Considera que houve um aumento do número de clientes no seu estabelecimento após o Fado ser classificado como Património Imaterial da Humanidade em 2011?
	Sim <input type="checkbox"/>
	Não <input type="checkbox"/>
	Manteve-se igual <input type="checkbox"/>
Observações:	

Quadro 1: Guião do inquérito aplicado aos proprietários das Casas de Fado.

3.2.2. Habitantes

Para saber quantos habitantes de Alfama teria de inquirir, foi necessário obter uma amostra representativa da população residente em Santo Estêvão, São Miguel e Sé, à data dos Censos de 2011. A fim de conseguir uma amostra aleatória simples, recorri ao cálculo amostral através da calculadora *online* (Santos, s.d.), que utiliza a seguinte fórmula: $n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1-p)}{Z^2 \cdot p \cdot (1-p) + e^2 \cdot (N-1)}$. Em que:

n - amostra calculada; N – população; Z - variável normal padronizada associada ao nível de confiança; p - verdadeira probabilidade do evento; e - erro amostral.

Para a definição da amostra da população a inquirir num universo de 3952 habitantes, estabeleceu-se previamente um erro amostral de 10% e um nível de confiança de 90%. O resultado final da dimensão da amostra a utilizar foi de 67 moradores.

O inquérito aplicado aos habitantes (ver Quadro 2) procura saber como é que estes avaliam a importância do Fado em Alfama e se denotam alterações no bairro sobretudo após o ano de 2011, quer ao nível de afluência turística, quer ao nível de novas infra-estruturas. Pretende-se também saber a opinião dos moradores relativamente à presença dos turistas no bairro e quais as implicações que isso traz no dia-a-dia dos habitantes do bairro.

Todo este inquérito tem como base a aposta do sector turístico no bairro de Alfama e qual a sua influência na rotina dos alfamistas. Novamente, o inquérito é constituído por três grupos de questões. As duas primeiras perguntas têm como objectivo perceber se, a partir do momento em que o fado recebe a classificação de Património Imaterial da Humanidade, houve um aumento dos estabelecimentos direccionados para usufruto turístico, bem como de um provável crescimento do número de visitantes ao bairro. Este tópico passa também por averiguar quais os estabelecimentos turísticos que sofreram um aumento após 2011, de acordo com os habitantes, a fim de entender a actual dinâmica social e cultural de Alfama.

A pergunta 3 permitirá perceber qual a opinião dos habitantes relativamente à presença dos turistas no espaço onde vivem, isto é, se lhes causa algum tipo de transtorno no seu dia-a-dia habitual. Será importante compreender se, actualmente, os habitantes, sobretudo os que residem em Alfama há algum tempo, sentem algum tipo de desconforto ao terem de lidar com novos transeuntes, novas rotinas e, consequentemente, novo ambiente bairrista. Para tal, se se verificar, é necessário perceber qual dos cinco motivos sustenta essa opinião, tal como se pode observar na pergunta 3.1.

A última pergunta deste inquérito é bastante relevante para este estudo, dado que levará a concluir se, de acordo com a opinião dos moradores, actualmente o fado se constitui ou não como a principal atracção turística de Alfama.

1.	Considera que houve um aumento de estabelecimentos vocacionados para os turistas após a nomeação do Fado como Património Imaterial da Humanidade em 2011?	
	Sim	<input type="checkbox"/>
	Não	<input type="checkbox"/>
1.1.	Se sim, quais dos seguintes se destacam?	
	Hotéis	<input type="checkbox"/>
	Aluguer de casas particulares	<input type="checkbox"/>
	Restaurantes	<input type="checkbox"/>
	Atracções culturais	<input type="checkbox"/>
	Comércio tradicional	<input type="checkbox"/>
	Comércio turístico	<input type="checkbox"/>
2.	Após essa mesma nomeação, sente que o número de visitantes do bairro:	
	Cresceu	<input type="checkbox"/>
	Manteve-se igual	<input type="checkbox"/>
3.	Considera que o aumento de turistas transtorna a vivência normal do bairro?	
	Sim	<input type="checkbox"/>
	Não	<input type="checkbox"/>
3.1.	Se sim, de que forma?	
	Ruído	<input type="checkbox"/>
	Higiene urbana	<input type="checkbox"/>
	Insegurança/Delinquência	<input type="checkbox"/>
	Demasiado movimento	<input type="checkbox"/>
	Dia <input type="checkbox"/> Noite <input type="checkbox"/>	
	Acessos/Transportes	<input type="checkbox"/>
	Outro _____	
4.	Considera o fado o atractivo principal do bairro?	
	Sim	<input type="checkbox"/>
	Não	<input type="checkbox"/>
4.1.	Se não, qual considera ser o atractivo principal?	
	Espaços públicos e verdes / paisagem	<input type="checkbox"/>
	Monumentos e edifícios históricos	<input type="checkbox"/>
	Estrutura do bairro	<input type="checkbox"/>
	Festas populares	<input type="checkbox"/>
	Comércio tradicional	<input type="checkbox"/>
	Outro _____	
Observações:		

Quadro 2: Guião do inquérito aplicado aos habitantes do bairro de Alfama.

3.2.3. Turistas

No caso dos turistas, os dados recolhidos baseiam-se numa amostra aleatória por conveniência. Para isso, foram escolhidos 50 turistas ao acaso, sem qualquer critério específico de selecção. À data da aplicação dos inquéritos (ver Quadro 3), estes participantes estavam de visita ao bairro de Alfama, estando ali alojados ou apenas de passagem.

Desde sempre que os turistas formam parte integrante a estudar nesta investigação e, neste caso, a inquirir, não só pela componente turística que as respostas dão ao trabalho, mas também pela opinião que aqueles possam ter relativamente ao fado e ao bairro de Alfama.

Portanto, os resultados obtidos através destes participantes permitirão determinar qual o conhecimento prévio que têm em relação a Alfama e ao Fado e de que modo o obtiveram. Será também possível perceber qual o motivo fundamental que os levou a visitar especificamente este bairro de Lisboa e com que ideia ficam depois dessa visita, bem como se pensam recomendá-la a outrem.

O inquérito aplicado aos turistas está dividido fundamentalmente em 4 conjuntos de questões. O primeiro, correspondente às perguntas 1 e 2, serve para apurar qual o conhecimento dos inquiridos relativamente ao bairro de Alfama. Para tal, é necessário saber se estão de visita ao bairro pela primeira vez, o que ajudará a compreender se, actualmente, Alfama se constitui como um local indispensável a visitar. Para além disso, perceber se este público já tinha conhecimento do local e de que forma o obteve (pergunta 2.1.) é importante para compreender qual/quais os influenciadores principais na hora de escolher o que querem visitar na cidade de Lisboa.

A terceira pergunta tem como principal objectivo averiguar qual a razão primordial de visita ao local, onde o objecto de estudo da investigação, o fado, também se inclui no conjunto de respostas, a par com a restauração. Entender as escolhas dos turistas de Alfama permitirá saber se o fado está entre os principais motivos que os levam a querer conhecer esta zona específica da capital.

O terceiro conjunto de questões do inquérito diz respeito à quarta pergunta. À semelhança do primeiro conjunto, este tenciona entender se os turistas conhecem o fado, mais uma vez, importa perceber como obtiveram essa informação.

1.	É a primeira vez que visita o Bairro?	
	Sim	<input type="checkbox"/>
	Não	<input type="checkbox"/>
2.	Já tinha ouvido falar deste Bairro?	
	Sim	<input type="checkbox"/>
	Não	<input type="checkbox"/>
	2.1. Se sim, de que forma teve conhecimento do mesmo?	
	Amigos/familiares	<input type="checkbox"/>
	Meios de comunicação social	<input type="checkbox"/>
	Folheto/livro turístico	<input type="checkbox"/>
	Agência de viagens/Hotel	<input type="checkbox"/>
	Outro _____	
3.	O que o levou a querer conhecer particularmente esta zona de Lisboa?	
	Espaços públicos e verdes / paisagem	<input type="checkbox"/>
	Monumentos e edifícios históricos	<input type="checkbox"/>
	Estrutura do bairro	<input type="checkbox"/>
	Comércio tradicional	<input type="checkbox"/>
	Restauração / Fado	<input type="checkbox"/>
	Outro _____	
4.	Alguma vez tinha ouvido falar em “fado”?	
	Sim	<input type="checkbox"/>
	Não	<input type="checkbox"/>
	4.1. Se sim, de que forma teve conhecimento do mesmo?	
	Amigos/familiares	<input type="checkbox"/>
	Meios de comunicação social	<input type="checkbox"/>
	Folheto/livro turístico	<input type="checkbox"/>
	Agência de viagens/Hotel	<input type="checkbox"/>
	Outro _____	
5.	Já frequentou alguma casa de fados neste bairro?	
	Sim	<input type="checkbox"/>
	Não	<input type="checkbox"/>
	5.1. Se não, está a pensar frequentar?	
	Sim	<input type="checkbox"/>
	Não	<input type="checkbox"/>
	Talvez	<input type="checkbox"/>
6.	Pensa em recomendar a visita a outras pessoas?	
	Sim	<input type="checkbox"/>
	Não	<input type="checkbox"/>
	Talvez	<input type="checkbox"/>
Observações:		
<hr/>		

Quadro 3: Guião do inquérito aplicado aos turistas.

As duas últimas perguntas vão de encontro à possível visita a uma das várias Casas de Fado existentes no bairro, bem como a uma posterior recomendação do local a outrem. Este conjunto de questões torna-se relevante no sentido de que permitirá compreender qual o número de inquiridos interessados em visitar os estabelecimentos com espectáculos de fado no bairro, assim como qual a sua satisfação relativamente à sua experiência em Alfama.

CAPÍTULO IV

TIPOLOGIA DOS ESTABELECIMENTOS: CATEGORIAS E DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

Kevin Lynch, um dos mais conceituados autores sobre urbanismo, defende que os bairros “são regiões urbanas de tamanho médio ou grande, concebidos como tendo uma extensão bidimensional, regiões essas em que o observador penetra («para dentro de») mentalmente e que reconhece como tendo algo de comum e identificável” (Lynch, 1960: 58). Mais acrescenta que “podem estar organizados do ponto de vista interno e, ocasionalmente, podem servir de ponto de referência externo, quando alguém por eles passa ou os atravessa” (Lynch, 1960: 78). Para Gomes (2011: 38), “os bairros têm também o carácter visual que se traduz nas imagens pitorescas que proporcionam e que surpreendem a cada virar de esquina”. Conhecer-los é também conhecer a urbe, uma vez que “os bairros desempenham um papel fundamental na construção da imagem da cidade” (Gomes, 2011: 89).

É comum existir uma frequente associação da palavra “bairro” a termos como abandono, precariedade, marginalidade e/ou população envelhecida. No entanto, “Alfama é tudo menos um gueto social, sendo pelo contrário atravessada intensamente por relações com o exterior, muitas delas protagonizadas de maneira directa pelos seus habitantes” (Costa, 2008: 288). E é aqui que importa falar do universo fadista que envolve Alfama, apelidada muitas vezes como “o berço do fado”, onde reside o verdadeiro espírito deste género musical.

Assim, este capítulo tem como propósito caracterizar o bairro eleito como objecto da investigação fazendo uma breve descrição relativamente a alguns dos seus componentes sociais e culturais. Ainda neste capítulo serão abordados os principais resultados e conclusões relativamente ao levantamento funcional realizado às Casas de Fado existentes num dos bairros mais seculares de Lisboa.

4.1. CARACTERÍSTICAS DO BAIRRO DE ALFAMA

Segundo a Nova Enciclopédia Portuguesa (Correia, 1992: 92), Alfama é caracterizada como:

“A parte mais antiga de Lisboa, de vielas estreitas e sinuosas, na encosta do Castelo para o Tejo, com casas construídas de maneira irregular. Durante o domínio árabe, existia já um aglomerado conhecido pela existência de várias fontes termais, com o nome de Alhama, donde provém o nome actual.”

Ora, a origem do nome Alfama explica-se pela existência de nascentes donde brotavam águas termais (com alegadas virtudes terapêuticas) que ali subsistiam no século XX, nascentes essas que contribuíram muito para a dinâmica social, económica e populacional; a própria palavra *Alhama* significa fonte térmica (Costa & Guerreiro, 1984). Até ao início do

século precedente ainda se realizavam o abastecimento de água à população e os banhos públicos por meio dos chafarizes com o intuito de aproveitar essas águas, com particular destaque para o Chafariz de Dentro (em funcionamento a partir do século XIII), o Chafariz da Praia (século XVII) e o Chafariz d'El-Rei (o mais movimentado). Porém, devido ao seu carácter contingente e à sua gradual contaminação, esses estabelecimentos acabaram por desaparecer.

À parte da sua antiguidade toponímica, Gomes (2011: 88) defende que “Alfama é apresentada como símbolo das origens mouriscas de Lisboa”. Isto porque aquela é detentora de um carácter genuíno no que diz respeito à sua identidade cultural, ao nível histórico e patrimonial, “porque é antiga, porque se encontra historicamente ligada ao nascimento e desenvolvimento inicial da cidade, e porque conserva importantes marcas visíveis dessa antiguidade – aquilo que constitui o seu (e a constitui em) património arqueológico e urbanístico” (Costa, 2008: 31).

Aquando da sua origem, Alfama era um bairro arrabaldino, tendo também a função de estabelecer a ligação entre a cidade e o campo. Aos poucos, o bairro ia ganhando forma e vida, ao mesmo tempo que se desenvolvia um traçado bastante peculiar, irregular e espontâneo, delimitado por vielas, becos e escadarias. No entanto, o terramoto de 1755 foi devastador para Alfama, onde as consequências se fizeram sentir com a destruição de grande parte do velho edificado e a deflagração de vários incêndios, assolando e danificando o Convento do Salvador e a Igreja de Santo Estêvão. (Calado & Ferreira, 1992).

Na segunda metade do século XIX as obras do porto de Lisboa, o alinhamento e reordenamento da marginal e a verificação da precariedade dos edifícios do bairro, convergem na ideia da “demolição de Alfama para fazer uma urbanização mais ampla e racional” (Calado & Ferreira, 1992: 39). Esta proposta, conduzida pelo arquitecto camarário Pedro José Pizarat sustentava-se nas novas teorias higienistas, com um traçado urbanístico moderno e racional. Contudo, a mesma não foi levada a cabo, dada a percepção por parte de alguns intelectuais e olisipógrafos do acervo patrimonial e sociocultural alfamista.

No século seguinte, a partir da década de 30, Alfama passa por um processo de salvaguarda e reabilitação. Segundo Calado & Ferreira (1992: 40), “formou-se o primeiro movimento de opinião pública a favor da recuperação patrimonial de Alfama”, vindo, sobretudo, de olisipógrafos e periódicos, tais como o *Diário de Notícias* e o *Diário de Lisboa*. Através de algumas operações e actividades da política cultural do Estado Novo e de acções de planeamento urbanístico programadas para Lisboa, surge então uma Alfama renovada. Tais factores contribuíram para que hoje seja reconhecida pelas suas feições tipicamente bairristas,

bem como pelas componentes do seu acervo histórico e cultural. Assim, segundo Costa (2008: 32-33), as mudanças foram as seguintes:

“Quanto à respectiva vertente etnográfico-folclorizante, faz-se menção, em geral, às marchas populares, aos arraiais e “retiros” das festas dos santos populares, aos concursos de decoração de ruas e janelas, às “casas típicas” de fado. Em paralelo, no âmbito de uma vertente histórico-patrimonializante, aponta-se sobretudo um conjunto de “arranjos” realizados no bairro e que incluíram calcetamento de ruas, construção de escadinhas de pedra, aplicação de painéis de azulejos e remodelação de outros elementos de fachadas, de levantamento de arcos, demolição de certas casas para proporcionar ângulos paisagísticos mais favoráveis, construção de miradouros, fontes e chafarizes (...).”

Pelo seu conjunto urbanístico ímpar e especificidade do tecido urbano, marcado pelo traçado labiríntico, pelos becos apertados, vielas sinuosas e íngremes, pela irregularidade das ruas, Alfama é igualmente dona de uma identidade cultural própria que a distingue dos restantes bairros. Costa & Guerreiro (1984: 35) defendem mesmo que “Alfama é um mundo à parte, fechado sobre si próprio (...). A luminosidade aqui dentro é outra, não há contrastes entre sol e sombra, mas uma iluminação difusa, como que originária de dentro do próprio bairro”. Para além disso, para quem visita Alfama, é frequente ver as ruas estreitas adornadas com roupa a secar ao sol com estendais que ocupam a largura da janela ou da varanda (fig. 6), uma vez que “os apartamentos em Alfama são normalmente pequenos e as pessoas não se podem dar ao luxo de comprar máquinas de secar roupa” (Vang, 2005: 65).

Localizado entre a encosta da colina do Castelo de São Jorge até à zona ribeirinha do Tejo, o bairro de Alfama não contém limites espaciais claramente definidos, sendo que as suas fronteiras identitárias se caracterizam pela imprecisão e manipulação (Costa, 2008). Alfama é constituída, sobretudo, pelas antigas freguesias de São Miguel e Santo Estêvão, locais onde também existe uma maior concentração de população local. No entanto, de acordo com Costa (2008: 106), as representações espaciais de Alfama podem “estender-se um pouco na direcção de algum ou alguns dos tecidos urbanos semelhantes e contíguos”, como é o caso da Sé, uma vez que é um dos pontos de referência para quem inicia a sua visita ao bairro. Costa (2008: 324) adianta ainda que a freguesia da Sé “é contígua à de São Miguel, parte dela prolongando sem solução de continuidade o espaço urbano de Alfama”, daí a sua frequente associação a este bairro.



Figura 6: Roupa estendida nas janelas de um prédio em Alfama.

Assim sendo, nesta investigação, a designação de bairro de Alfama compreende as antigas freguesias de São Miguel, Santo Estêvão e Sé, até porque nesta última localizam-se oito Casas de Fado que foram alvo do inquérito realizado aos proprietários daquelas e são algumas das mais reconhecidas e visitadas do bairro. Todas estas freguesias são hoje parte integrante da Freguesia de Santa Maria Maior, um espaço que, segundo Machado & Rolim (*in* Público, 2013), “testemunhou o nascimento e a evolução da cidade de Lisboa”, onde se inclui o bairro de Alfama (fig. 7).



Figura 7: Vista panorâmica sobre o bairro de Alfama do Miradouro de Santa Luzia.

As freguesias de Santo Estêvão e São Miguel são as que têm maior expressão e representatividade dentro de Alfama (fig. 7). A de Santo Estêvão, lembrança da vida ribeirinha da zona oriental de Lisboa, caracteriza-se pela harmonia e surpresa em cada recanto que esconde, ao passo que a de São Miguel, localizada na colina do Castelo e voltada para o Tejo, possui um tecido urbano mais denso e fechado sobre si e é composta essencialmente por escadinhas, becos, calçadas e arcos que desembocam para o exterior do bairro (Calado & Ferreira, 1992). Comparativamente, a freguesia de Santo Estêvão é relativamente mais ampla que a de São Miguel, estendendo-se no sentido nordeste até St.^a Apolónia, tendo no seu limite a vizinha freguesia de São Vicente de Fora. Ao nível da estrutura interna, São Miguel apresenta uma especificidade da malha urbana e uma peculiaridade da contextura social do bairro, enquanto Santo Estêvão abrange diversos imóveis histórico-patrimoniais.

Relativamente ao quadro populacional do bairro de Alfama, desde as décadas de 60 e 70 do século passado que a população residente tende a diminuir progressivamente, sendo que, nos anos 90, a tendência era a mesma (Costa, 2008). Recentemente, de acordo com os Censos de 2011 do INE, a população residente em Alfama era de 3952 habitantes (Quadro 4), onde é possível encontrar dois tipos de população que são, segundo Benis (2011: 19), “por um lado, a parte que podemos qualificar de ‘população antiga do bairro’, e por outro, uma ‘população nova’, que começou a chegar muito recentemente, na década de 2000”.

2011	
Santo Estêvão	1511
São Miguel	1531
Sé	910

Quadro 4: População residente em Alfama. Fonte: Censos, INE, 2011.

De facto, hoje a maior parte da população que habita no bairro ainda se constitui por indivíduos idosos, que vivem sozinhos ou que residem em Alfama desde sempre (Benis, 2011). Para além disso, ali ainda permanecem as origens rurais da população mais antiga havendo, por isso, de acordo com Calado & Ferreira (1992: 43), “uma inserção cidadina e uma assumida ligação às terras de origem”. É bastante comum ver os alfamistas mais antigos sempre presentes, seja pelo olhar curioso vindo das janelas, seja a conversar à porta de sua casa ou do vizinho do lado ou nas escadas íngremes do bairro ou simplesmente a passar o tempo sentados no Largo do Chafariz de Dentro (fig. 8). Assim sendo, o bairro de Alfama contém características sociais e urbanísticas bastante peculiares, pois “trata-se de uma área

heterogénea, depreendendo-se uma diferença em termos de edificado e da estrutura da população, nas várias freguesias que a compõem” (Noivo, 2010: 21).



Figura 8: Alfamistas a conversar no Largo do Chafariz de Dentro. Fonte: Benis, 2011: 51.

Desde sempre ligada às actividades portuárias, hoje Alfama centra a sua actividade económica sobretudo no comércio local. Embora este seja ainda bastante tradicional, tem-se feito acompanhar pelo aumento de um comércio mais específico e estrategicamente direccionado que tem como alvo, por um lado, a população alfamista em constante renovação e, por outro, a atracção de novos públicos que procuram o bairro para fins habitacionais e de lazer (Noivo, 2010). Ainda têm sido realizadas diversas acções e obras de requalificação e reabilitação urbana no bairro de Alfama por parte da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa (EPUL), em conjunto com a CML, tais como os projectos “Repovoar Lisboa”, “Lisboa a Cores” e “Alfama Quem Cuida Ama” (Pereira, 2011). No entender de Gomes (2011: 90), estes programas e intervenções “apostam na harmonização estética dos lugares e em operações de marketing que procuram maximizar o potencial turístico dos bairros, parecendo por vezes que há mais preocupação com quem lá vai do que com quem lá vive”.

É certo que Lisboa é uma cidade marcada pelos seus bairros típicos sendo que cada um deles representa “um cunho de autenticidade e um ponto de referência no mapa da cidade (...) e que, pelo meio permitem espreitar costumes exóticos, tradições e modos de vida” (Gomes, 2011: 26). Porém, Alfama é capaz de marcar a diferença de entre os restantes bairros, dado que, como atesta Vang (2005: 17), “é como uma aldeia dentro da grande cidade”. A sua historicidade e origem mouriscas, o seu pecunioso acervo cultural e artístico, a hospitalidade e simpatia dos alfamistas, as tradições que se dão a conhecer a quem chega pela primeira vez ao bairro, fazem com que Alfama tenha, de acordo com Costa & Guerreiro (1984: 91), “um forte carácter de *comunidade*, de identidade própria e dinâmica específica”.

É ainda no meio do seu traçado irregular e sinuoso que Alfama faz questão de reproduzir e preservar as tradições culturais singulares de índole portuguesa. Exemplo disso é o Fado, os Santos Populares e as Festas Religiosas, factores que contribuem bastante para a atracção turística ao local (Noivo, 2010). Deste modo, não só o fado tem hoje uma importância cultural acrescida dentro do bairro, como também as marchas e os arraiais dos santos populares e as tradições carnavalescas se incluem neste conjunto cultural (Costa, 2008). Relativamente ao fado, devido à sua gradual difusão com o passar dos anos, tem sido frequentemente comercializado, o que fez com que, automaticamente, aumentassem os restaurantes e as casas típicas adeptas deste estilo musical, fazendo encarecer o produto.

Sendo um bairro por onde circulam diariamente os habitantes, os turistas e alguns transeuntes, Alfama conta com pontos de referência e de atracção cultural e turística. A Casa dos Bicos, a Sé de Lisboa ou o Museu do Fado são claros exemplos disso mesmo. O Largo do Chafariz de Dentro, localizado na fronteira entre as freguesias de São Miguel e Santo Estêvão, é outro dos lugares centrais e simbólicos do bairro onde confluem, simultaneamente, ruas e pessoas, o que faz com que seja evocado por muitos moradores como “o Rossio de Alfama” (Benis, 2011).

Em suma, Alfama pode ter uma definição tridimensional: “Alfama como *bairro*, como bairro *histórico* e como bairro *popular*” (Costa, 2008: 111). Se, por um lado, é particularmente visível o sentimento de pertença e de identidade bairrista que faz com que não se percam tradições seculares, por outro, Alfama consegue ser uma das zonas mais animadas de Lisboa, pelos seus restaurantes e casas de fado, pela vida que os turistas conferem ao local, pelo frenesim diário da vida agitada dos alfamistas. Todavia, “Alfama não dorme – há sempre alguém que vigia” (Vang, 2005: 89).

4.2. AS CASAS DE FADO EM ALFAMA

Se Lisboa é uma cidade de bairros e “os bairros típicos são imagens de cartaz da cidade” (Gomes, 2011: 5), as Casas de Fado são a imagem de marca de Alfama. A crescente importância do Fado ficou provada em Novembro de 2011 após a sua classificação como Património Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Embora se “respire” fado noutros bairros lisboetas como Mouraria, Bairro Alto, Alcântara ou Madragoa, em Alfama o seu simbolismo tem um peso diferente. Ali o fado é protagonista todas as noites sendo que, de

acordo com Belanciano (*in* Público, 2014), “no imaginário colectivo é ali, nas suas ruas, tabernas, casas de fado ou sociedades recreativas, que o fado brota”.

À semelhança da cidade de Lisboa, também o bairro de Alfama é tema frequente em várias composições fadistas. Por exemplo, o fado *Alfama no Coração* (Portal do Fado, s.d.) canta a particularidade do bairro e a importância que o fado ali assume:

Alfama no coração,
Onde amor é verdadeiro.
Becos, ciúmes, paixão,
Tem o fado num canteiro.

Alfama dos alfacinhas,
Tem coisas peculiares,
As igrejas e escadinhas,
Pregões, santos populares.
(...)
Histórica e imponente,
Faz de Lisboa um postal,
Alfama tem boa gente,
É o Fado é Portugal.”

Também ao calcorrear as ruas labirínticas do bairro, é possível encontrar diversos elementos e espaços onde o fado está presente ao virar de cada esquina. As Casas de Fado são os locais que assumem especial destaque, onde a oferta para passar uma noite agradável ao som da canção de Lisboa é bastante diversificada. Para além disso, de entre a vasta azulejaria presente um pouco por todo o bairro, ao subir a Rua da Regueira, que separa as freguesias de Santo Estêvão e de São Miguel, deparamo-nos com painéis alusivos ao fado e a Alfama, tal como se pode observar nas fig. 9 e 10:



Figura 9 e 10: Azulejos pintados à mão numa parede da Rua da Regueira.

Relativamente ao ambiente que é vivido a cada noite nas Casas de Fado em Alfama este é praticamente cénico. Pensado ao pormenor através de elementos decorativos como, por exemplo, guitarras, paisagens antigas e actuais do bairro, xailes e elementos tauromáquicos ou quadros alusivos ao fado. Costa (2008: 123) acrescenta ainda que “há as luzes fracas, coloridas, ou as velas na mesa, as únicas que se deixam acesas, no ambiente escurecido, enquanto se canta”. Traduz-se, por isso, num espaço envolvente que, de certo modo, combina muitas vezes com os estados de espírito emocionais que se fazem sentir na sala e que estão presentes frequentemente em diversas composições fadistas.

Porém, Alfama não tem apenas a reputação de ser o bairro do fado. Isto porque muitas das letras que ali se ouvem e que são cantadas nos estabelecimentos localizados no bairro, falam frequentemente deste, no seu todo ou em parte. Tomando Alfama como tema principal, estes fados caracterizam-se por “fadões identitários” (Costa, 2008). Portanto, o fado torna-se, sem dúvida, um dos principais vínculos da identidade cultural do bairro de Alfama. Actualmente, ali os estabelecimentos nocturnos dividem-se entre restaurantes, tascas e casas de fado, quase todas elas funcionando à noite, sendo que “esta concentração de espaços de diversão nocturna veio alterar, não só o aspecto físico do lugar como também os modos como é vivido” (Gomes, 2011: 91).

Ao longo do trabalho de campo realizado no âmbito desta investigação, o percurso diário realizado por Alfama foi decisivo para encontrar os estabelecimentos relacionados com o fado e que, no seu conjunto, possuem a mesma função: cantar o fado e mostrá-lo a quem o quer conhecer. Deste modo, a mesma pesquisa permitiu-me localizar 31 estabelecimentos destinados para o efeito, dentro da Freguesia de Santa Maria Maior, no bairro de Alfama.

Ao observar a fig. 11, é possível ter uma percepção da localização exacta das Casas de Fado alfamistas. A sua disposição torna-se peculiar, uma vez que se nota uma distribuição quase igualitária por cada uma das três freguesias. No entanto, é possível encontrar alguns focos de concentração de estabelecimentos em locais específicos dentro de Alfama, alinhados e com uma orientação próxima de SW-NE, acompanhando o traçado das principais artérias.

Desde logo, se iniciarmos a visita a Alfama pela parte ocidental, após observar a Sé de Lisboa, as ruas Cruzes da Sé e São João da Praça tornam-se as artérias primordiais no que diz respeito à concentração de Casas de Fado nesta freguesia. Por ser umas das vias de penetração do bairro, devido em grande parte à afluência turística ao monumento, esta zona alfamista é diariamente visitada e percorrida pelo público forasteiro, onde as Casas de Fado se constituem como atracções principais.

Do lado oposto, a Rua dos Remédios, tradicionalmente reconhecida como “rua direita ribeirinha” (Calado & Ferreira, 1992: 49) e com uma dimensão mais urbana de fachadas regulares, é aquela que concentra mais Casas de Fado (7), confirmando a sua influência turística dentro de Alfama, por ser um ponto de passagem por parte de quem chega e de quem vai. A sua convergência, por um lado, ao Largo do Chafariz de Dentro, e por outro, à vizinha freguesia de São Vicente de Fora faz dela uma referência, não só para os transeuntes habituais, como também para os turistas, o que também resulta da rápida e fácil acessibilidade às redes de transportes mais próximas (estação de St.^a Apolónia e porto de cruzeiros).

Já a Rua da Regueira, entre as freguesias de São Miguel e Santo Estêvão, segundo Calado & Ferreira (1992: 49), “foi e continua a ser uma espécie de ‘rua das partilhas’”. Dado que é também uma das principais vias de penetração do bairro, embora só tenha uma Casa de Fado (nº4), rapidamente dali se chega aos restantes locais com estabelecimentos onde ocorre fado, tais como o Largo do Peneireiro (nº 14 e 15) ou o Largo de Santo Estêvão (nº 11 e 17).

Quando se sai do Largo de São Miguel, núcleo central e um lugar de referência dentro de Alfama, rodeado pelos estabelecimentos, 1, 10, 18 e 27, e se desce paralelamente em direcção à Rua de São Pedro, encontramos uma via composta essencialmente por lojas de *souvenirs*, comércio tradicional e, ao desembocar no Largo do Chafariz de Dentro, três Casas de Fado bastante visitadas diariamente, devido em larga escala à sua localização estratégica.

Portanto, pode dizer-se que a Rua da Regueira e a Rua dos Remédios, pertencentes à freguesia de Santo Estêvão, segundo Calado & Ferreira (1992: 66), “organizam, em grande medida, a estruturação e a visibilidade do respectivo tecido social e urbano da freguesia”, sendo também “eixos de ordenamento principais, que são, também, eixos de comunicação e de acessibilidade dos diversos bairros da freguesia”. Não só a concentração de Casas de Fado fazem delas as ruas de maior afluência em Alfama, como também a existência de diverso tipo de infra-estruturas que movem residentes e turistas (ex.: mercearias, cafés, restaurantes, unidades hoteleiras, lojas de comércio turístico).

Por fim, é no Largo do Chafariz de Dentro, situado no Terreiro do Trigo e reconhecido como “cordão umbilical”, onde, citando Calado & Ferreira (1992: 66), “o visitante pode, desde logo, optar por uma ou outra daquelas freguesias e, a partir daí, lançar-se à descoberta”. À semelhança do Adro de Santo Estêvão, este local constitui-se como um lugar de referência de iniciação aos percursos por Alfama, tendo diversas ruas a convergir em si, sendo um dos locais de convivência colectiva mais importante.

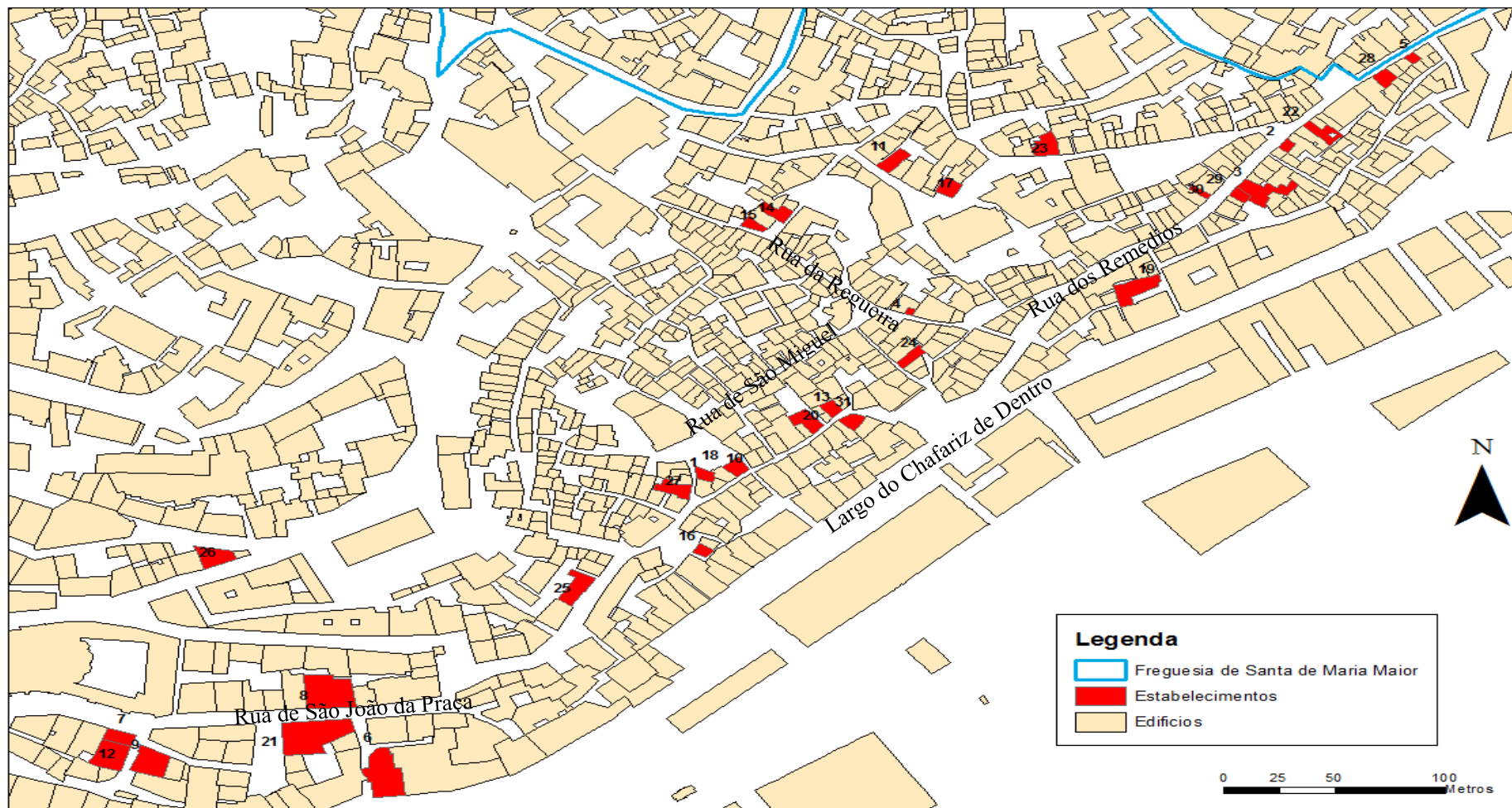


Figura 11: Localização dos estabelecimentos com espectáculos de fado no bairro de Alfama. 1- A Baiuca; 2- A Viela do Fado; 3- Adega dos Fadistas; 4- Alfama Grill; 5- Bela – Vinhos e Petiscos; 6- Casa de Linhares; 7- Caso Sérió; 8- Clube de Fado; 9- Coração da Sé; 10- Coração de Alfama; 11- Dragão de Alfama; 12- Duetos da Sé; 13- Esquina de Alfama; 14- Fado Maior; 15- Fado na Morgadinha; 16- Fermentação; 17- Fora de Moda; 18- Grandes Cantorias; 19- Guitarras de Lisboa; 20- Maria da Fonte; 21- Marquês da Sé; 22- Mesa de Frades; 23- O Boteco da Fá; 24- Parreirinha de Alfama; 25- Pátio de Alfama; 26- Royal Fado; 27- São Miguel D’Alfama; 28- Sr. Fado; 29- Tasca da Maja; 30- Casa do Chico; 31- Taverna D’El Rey. Adaptado da Base Cartográfica dos Edifícios da CML em 2009.

Actualmente, embora os estabelecimentos pertençam à freguesia de Santa Maria Maior, estes encontram-se distribuídos pelas três freguesias antigas que compõem o bairro. Assim, a freguesia de Santo Estêvão conta com um maior número de estabelecimentos (16), a freguesia de São Miguel contém 7 e, por último, a freguesia da Sé compreende um total de 8 estabelecimentos. Em cada Casa de Fado com “fortes ligações ao bairro, para além de ali se implantarem geograficamente” (Costa & Guerreiro, 1984: 170), é possível apreciar o estilo musical característico desta zona lisboeta, enquanto se saboreiam alguns dos pratos típicos portugueses. A pesquisa efectuada permitiu-me apurar que cada estabelecimento possui diferentes categorias relativamente à sua tipologia, à ocorrência de espectáculos e ao consumo por pessoa.

Analizando o Quadro 5 é possível observar os resultados obtidos no levantamento funcional de cada um dos estabelecimentos em que, dos 31 localizados em Alfama, 8 deles (assinalados como “SI” – Sem Informação) não se encontravam disponíveis para responder às questões do inquérito, à data da pesquisa efectuada. Ainda assim, para este estudo foi possível contar com a prestabilidade de 23 proprietários de estabelecimentos ligados ao Fado no bairro de Alfama.

Número	Nome do estabelecimento	Freguesia	Tipologia		Ocorrência de espetáculos						Consumo mínimo	Sem Consumo
			Restaurante	Bar	Todos os dias	6 dias	5 dias	4 dias	3 dias	2 dias		
1	A Baiuca	São Miguel									Jantar	
2	A Viela do Fado	Santo Estêvão									10 €	
3	Adega dos Fadistas	Santo Estêvão									10 €	
4	Alfama Grill	Santo Estêvão									Jantar	
5	Bela - Vinhos e Petiscos	Santo Estêvão	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI
6	Casa de Linhares	Sé									15 €	
7	Caso Sêrio	Sé										
8	Clube de Fado	Sé									10 €	
9	Coração da Sé	Sé									10 €	
10	Coração de Alfama	São Miguel									3,50 €	
11	Dragão de Alfama	Santo Estêvão	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI
12	Duetos da Sé	Sé									5 €	
13	Esquina de Alfama	São Miguel									10 €	
14	Fado Maior	Santo Estêvão	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI
15	Fado na Morgadinha	Santo Estêvão										
16	Fermentação	São Miguel										
17	Fora de Moda	Santo Estêvão										
18	Grandes Cantorias	São Miguel										
19	Guitarras de Lisboa	Santo Estêvão	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI
20	Maria da Fonte	São Miguel									15 €	
21	Marquês da Sé	Sé									20 €	
22	Mesa de Frades	Santo Estêvão										
23	O Boteco da Fá	Santo Estêvão	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI
24	Parreirinha de Alfama	Santo Estêvão									30 €	
25	Pátio de Alfama	Sé									15 €	
26	Royal Fado	Sé									15 €	
27	São Miguel D' Alfama	São Miguel									15 €	
28	Sr. Fado	Santo Estêvão	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI
29	Tasca da Maja	Santo Estêvão	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI
30	Tasca do Chico	Santo Estêvão	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI
31	Taverna D'El Rey	Santo Estêvão									20 €	

Quadro 5: Categorias dos estabelecimentos com Fado em Alfama. SI- Sem Informação.

No total de locais destinados particularmente ao fado denota-se que todos se intitulam como “restaurante”, sendo que apenas 7 se incluem na tipologia “restaurante” e “bar”. Como tal, confirma-se o peso que o produto estratégico do PENT, Gastronomia e Vinhos, tem para Portugal “por ser um país com uma forte tradição na produção de vinhos e possuir uma gastronomia regional muito variada” (THR - Asesores en Turismo Hotelería y Recreación, S.A., 2006: 53) e que faz com que o fado e a gastronomia, dois símbolos do Património Cultural Imaterial português, andem, constantemente, “de mãos dadas”. Para além disso, é interessante ver como hoje as Casas de Fado funcionam cada vez mais como restaurantes, uma vez que o ritual de jantar enquanto se aprecia o género musical vem sendo frequente e um atractivo para o público, sobretudo estrangeiro. Todos os estabelecimentos que também se caracterizam como “bar”, permitem que os clientes os frequentem para ouvirem o fado, sem a obrigação de consumirem o valor da refeição de jantar, pagando a taxa de espectáculo ou apenas o que consumirem.

Relativamente ao consumo obrigatório em cada um dos locais em estudo, este sofre oscilações. Como é possível verificar, o consumo mínimo numa Casa de Fados em Alfama pode, numa pequena parte, ser inexistente ou, ao invés, ir até 30€, pelo menos. Estas, segundo Costa & Guerreiro (1984: 170), “representam, de certa forma, o «exterior» ao bairro, nas práticas de consumo turístico do ambiente local”. Assim, o valor médio de consumo mínimo calculado é de 14€ por pessoa, sendo que apenas 8 dos 23 estabelecimentos pesquisados ultrapassam esse valor, destacando-se os seguintes:

- Casa de Linhares (15€)
- Maria da Fonte (15€)
- Marquês da Sé (20€)
- Parreirinha de Alfama (30€)
- Pátio de Alfama (15€)
- Royal Fado (15€)
- São Miguel D’ Alfama (15€)
- Taverna D’El Rey (20€)

Estes estabelecimentos não apresentam esses valores ao acaso, uma vez que estão entre os mais conceituados do bairro de Alfama, muitos deles tendo já sido premiados com distinção por diversas entidades ou através do mecanismo de avaliação *online* *TripAdvisor*. Veja-se o caso da Parreirinha de Alfama e do Clube de Fado, ambos reconhecidos pela Casa da Imprensa com o Prémio Casa de Fado, em 2003 e 2006, respectivamente, e da Maria da

Fonte, considerado o Melhor Restaurante no Concurso Gastronómico “Sabores de Alfama”. É também nestes espaços que se encontram regularmente novos talentos fadistas, que têm a possibilidade de actuar ao lado de alguns dos nomes mais conhecidos do meio, tais como, Cidália Moreira, Camané, Mário Pacheco, Cuca Roseta, Jorge Fernando, Maria Armada, entre outros.

No que diz respeito à ocorrência de espectáculos nestas Casas de Fado, os resultados demonstram alguma disparidade, como se pode observar na fig. 12. Ou seja, 8 dos estabelecimentos abordados nunca fecham as portas, dando espectáculos de fado todos os dias, e 10 estabelecimentos encerram apenas uma vez por semana, o que perfaz um total de 18, ou seja, quase 80% das Casas de Fado inquiridas. Em conversa com os proprietários, os próprios confessaram que, há uns anos atrás, tal acontecia, encerrando os estabelecimentos duas ou mais vezes por semana. No entanto, a importância do fado dentro do bairro, a nova geração de músicos fadistas que veio revitalizar a música popular tradicional e a crescente visita de Alfama, foram alguns dos factores que “obrigaram” certos proprietários a fechar portas menos vezes, dando um novo alento ao negócio.

Com menor impacto surgem os restantes 5 estabelecimentos onde se pode ouvir este género musical entre 2 a 5 dias por semana. O número de locais com espectáculos de fado diariamente prova, uma vez mais, a crescente importância e autenticidade que este produto tem vindo a ganhar no bairro de Alfama, onde “as casas de fado têm resistido às dificuldades do mercado e à redução de público português, sobretudo devido à maior afluência de turistas” (“Turistas é que salvam as casas de fado”, 2015).

Deste modo, as Casas de Fado no bairro de Alfama são sempre os sítios por excelência para quem quer ter uma noite de fado com qualidade, enquanto se degusta comida típica nacional. Contudo, há que ter sempre atenção à autenticidade e preservação deste produto, uma vez que, como alerta Anacleto (2008: 224), “o nosso fado pode vir a empobrecer se, certas condições necessárias para a sua sobrevivência, não forem tidas em consideração”, tais como a composição de novas letras e a protecção da cultura que envolve o universo fadista. Sendo um programa cada vez mais turístico, de acordo com o VisitPortugal (2012), “jantar à luz das velas, ao som de uma melodia universal, que vai compreender sem saber a língua, é uma experiência que não pode faltar no seu plano de viagem”.

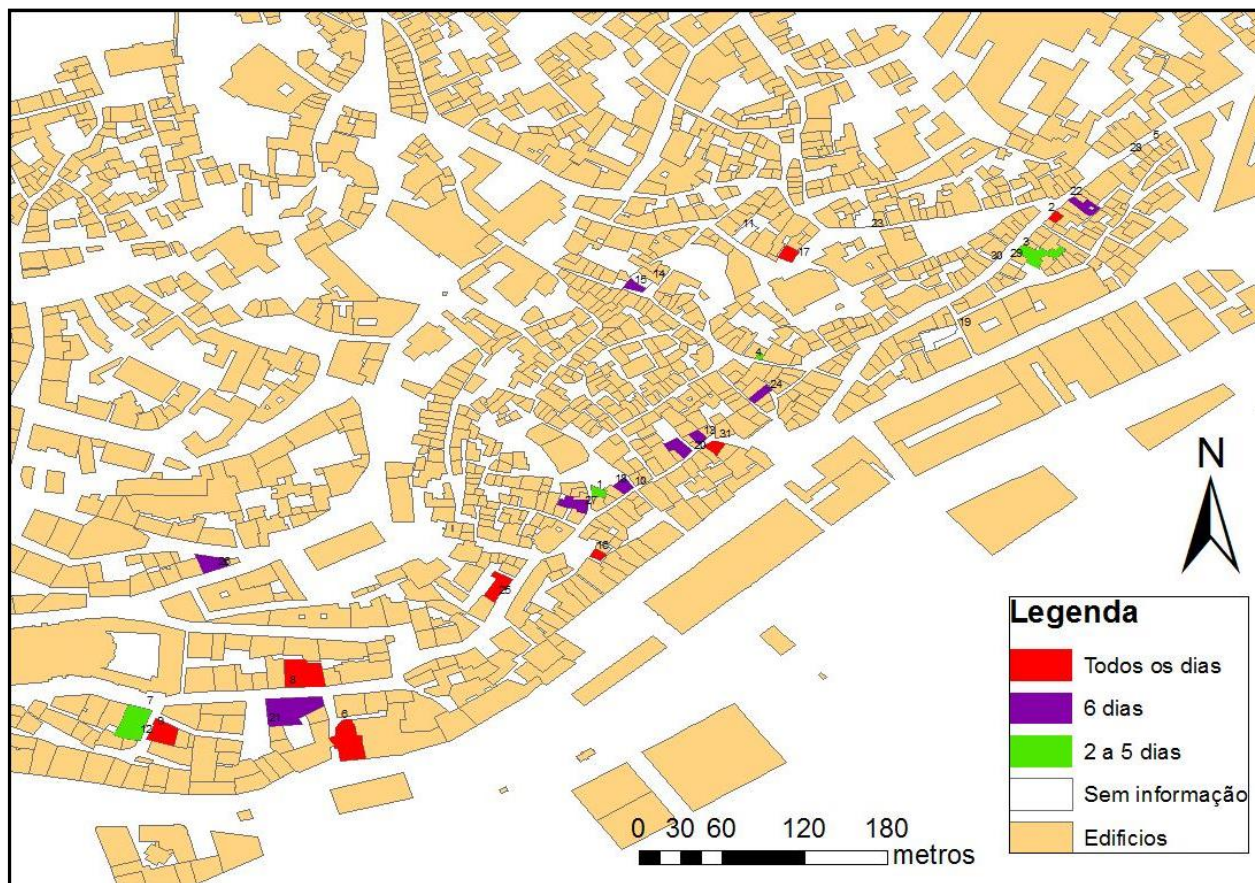


Figura 12: Localização dos estabelecimentos por ocorrência de espectáculos de fado no bairro de Alfama.
Adaptado da Base Cartográfica dos Edifícios da CML em 2009.

CAPÍTULO V

RESULTADOS OBTIDOS NOS INQUÉRITOS

Este capítulo final baseia-se na análise dos dados recolhidos nos inquéritos por questionário efectuados aos públicos-alvo em estudo e que contribuíram para que este fosse exequível. Por isso, pretendeu-se averiguar qual a posição actual do fado no bairro de Alfama, bem como qual a importância que o turismo pode exercer na promoção e preservação deste produto cultural. Para isso recorreu-se ao testemunho de três categorias de intervenientes que passam diariamente por esta zona da cidade: os que lá trabalham, os que ali habitam e os que estão de visita ao local.

No final as respostas obtidas permitirão compreender, por um lado, quais os contributos que o fado pode trazer para a valorização turística dos bairros de Lisboa e, por outro, que aspectos poderão ser melhorados para benefício de todos.

5.1. PROPRIETÁRIOS DAS CASAS DE FADO

Ao abordar o tema do fado no bairro de Alfama seria imprescindível contactar com aqueles que todos os dias lidam com este produto nos seus estabelecimentos e qual o contributo, sobretudo de índole turística, que este pode trazer para o negócio local.

Após a análise das respostas recebidas pelos proprietários das Casas de Fado, sintetizou-se os resultados obtidos no Quadro 6.

Tal como se pode observar, relativamente à primeira pergunta, a resposta de cada um dos proprietários inquiridos foi unânime: actualmente, os clientes estrangeiros são aqueles que mais visitam uma Casa de Fados em Alfama. Costa (2008: 124) já tinha afirmado que “a maioria dos clientes vem de fora do bairro, sendo boa parte deles constituída por turistas” em que muitos deles assumem a posição de simples espectadores, ao invés de muito público alfamista que, por vezes, também canta o fado. No entanto, quando lhes foi pedido que escolhessem a nacionalidade que mais visita o seu estabelecimento, as respostas dividem-se, sobretudo, entre a francesa (12 respostas) e a brasileira (5 respostas). Todavia, oito dos proprietários indagados não conseguiram eleger uma determinada nacionalidade, por alegarem que os clientes vêm um pouco de todo o lado, devido à crescente procura pela autenticidade do fado nos últimos anos.

Pergunta/Resposta Nome e nº do estabelecimento	1	2	3			4		4.1.				5		
	Estrangeiros	Estrangeiros	Nacionais	Estrangeiros	Ambos	Individualmente/Casais	Grupo	Hotel	Agência de Viagens	Amigos/Familiares	Outro	Sim	Não	Manteve-se igual
1 - A Baiuca	Todas	10		Todas										
2 - A Viela do Fado	Todas	10		A; I										
3 - Adega dos Fadistas	Todas	8		A										
4 - Alfama Grill	F	10		A										
5 - Bela - Vinhos e Petiscos	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI
6 - Casa de Linhares	B; F; It	8		Todas										
7 - Caso Sêrio	F	7		H										
8 - Clube de Fado	B	8		R										
9 - Coração da Sé	F; I	6		R										
10 - Coração de Alfama	N	8		H										
11 - Dragão de Alfama	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI
12 - Duetos da Sé	F	9		F										
13 - Esquina de Alfama	Todas	8		H										
14 - Fado Maior	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI
15 - Fado na Morgadinha	F	8		F										
16 - Fermentação	Todas	9		R										
17 - Fora de Moda	Todas	8		A										
18 - Grandes Cantorias	Todas	9		Todas										
19 - Guitarras de Lisboa	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI
20 - Maria da Fonte	F; I	5		A										
21 - Marquês da Sé	A; E; F	8		A; H										
22 - Mesa de Frades	A; B; F	7												
23 - O Boteco da Fá	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI
24 - Parreirinha de Alfama	B; E; F	8		F										
25 - Páteo de Alfama	B	8		Todas										
26 - Royal Fado	Todas	10												
27 - São Miguel D'Alfama	E; F; It	9		H; I										
28 - Sr. Fado	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI
29 - Tasca da Maja	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI
30 - Tasca do Chico	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI	SI
31 - Taverna D'El Rey	A; F; It	7												

Quadro 6: Resultado dos inquéritos aos proprietários das Casas de Fado de Alfama. Legenda: A-Alemães; B-Brasileiros; E-Espanhóis; F-Franceses; H-Holandeses; I-Ingleses; It-Italianos; N-Nórdicos; R-Russos; SI-Sem Informação.

Na segunda pergunta, conforme se pode verificar no Quadro 6, a maior parte dos inquiridos apontou que, em média, os clientes estrangeiros que visitam um estabelecimento com fado rondam os 8 (43,5%), 9 (17,4%) ou 10 (17,4%) num total de 10 clientes, sendo as casas de fado, os bares e os restaurantes os espaços geralmente frequentados por turistas (Costa, 2008). Salienta-se, por isso, a importância que o sector turístico tem vindo a ganhar em Alfama, particularmente nas suas Casas de Fado, cuja sobrevivência económica depende fortemente dos visitantes estrangeiros.

Tal facto é também baseado no conjunto de respostas conseguidas na terceira pergunta (“Em média, quais dos clientes gasta mais?”), intrinsecamente ligada às anteriores, uma vez que é o público estrangeiro que despende mais quando visita uma Casa de Fado. Já no século passado, o fadista Alcindo de Carvalho defendia que “infelizmente, o português não vai ao fado (...). Os portugueses não têm, talvez monetariamente, possibilidades de ir todos os dias para o fado” (Bastos, 1999: 17). Este pressuposto é válido na medida em que, actualmente, muitos portugueses ainda atravessam uma conjuntura económica desfavorável que não lhes permite consumir certos produtos culturais devido ao baixo poder de compra. De acordo com os inquiridos, as nacionalidades que menos se importam de gastar elevadas quantias monetárias quando param em Alfama para ouvir o fado variam bastante e dependem do tipo de cliente, segundo alguns dos inquiridos. Contudo, os proprietários consideram que os alemães (6 respostas) e os holandeses (5 respostas) são os que menos se preocupam com a carteira na hora de consumir enquanto apreciam o fado.

Para além disso, através da pergunta “De que forma os clientes visitam o seu estabelecimento?”, constatou-se que, hoje em dia, o modo como os clientes visitam uma Casa de Fados em Alfama é feito quase sempre da mesma forma: quase 70% dos inquiridos considera que o seu estabelecimento é visitado individualmente ou por casais, enquanto apenas cerca de 17% vê o seu estabelecimento ser frequentado maioritariamente por grupos e os restantes 13% recebem ambos os conjuntos. Na hora de aconselhar os grupos a visitar determinada Casa de Fados, o quadro mostra que o sector hoteleiro e o sector turístico, nomeadamente as agências de viagem, possuem hoje um papel decisivo neste sentido. Cada vez mais Alfama e o fado fazem parte da propaganda turística da capital sendo que “os circuitos organizados pelos operadores turísticos na área de Lisboa incluem, de forma quase inevitável, um percurso por Alfama” (Costa, 2008: 52).

De acordo com a quinta e última questão, relativamente ao aumento do número de clientes de cada estabelecimento a partir de 2011, devido à classificação do Fado como Património Imaterial da Humanidade, as opiniões dividem-se: um pouco mais de 52% dos

inquiridos consideram que houve um crescimento da clientela, não só relativamente ao fado, mas também a outros factores, como a localização privilegiada e os acessos ao bairro; cerca de 30,5% dos proprietários negou uma maior afluência no seu estabelecimento; cerca de 17,5% atestaram que a sua propriedade se mantém com a procura e afluência de sempre.

Em suma, os proprietários das Casas de Fado no bairro de Alfama apostam no turismo como elemento de manutenção e divulgação do seu negócio. Segundo Costa (2008: 51), “as visitas turísticas fazem parte, de uma maneira decisiva, do quotidiano do bairro”, o que faz com que, embora o português seja aquele que mais se interessa por esta expressão da identidade cultural portuguesa, os estrangeiros estejam mais preparados para visitar uma Casa de Fados, devido às suas condições económicas. Como foi referido no ponto 4.2., o consumo médio habitual num destes estabelecimentos ronda os 14€, valor esse que nem sempre o turista nacional está disposto a gastar quando visita o bairro de Alfama, de acordo com alguns dos proprietários inquiridos.

5.2. HABITANTES

Desde cedo neste trabalho se mostrou importante a realização de uma abordagem e contacto directos com os moradores do bairro de Alfama que conhecem melhor que ninguém. A sua opinião foi determinante para esta investigação, na medida em que foi possível retirar certas conclusões sobre a relação actual entre o fado e o turismo dentro do bairro. Deste modo, foi possível obter o conjunto de respostas sintetizadas no Quadro 7.

Se, actualmente, de acordo com (Benis, 2011: 46), “a tendência parece ser a homogeneização cultural e urbanística dos bairros voltados ao desenvolvimento turístico”, o caso de Alfama não deixa qualquer dúvida para os inquiridos. Como demonstram os resultados da primeira pergunta, muito mais de metade (86,6%) considera que as infra-estruturas turísticas no bairro têm vindo a aumentar consideravelmente, sobretudo a partir de 2011, mas que essa situação se deve não apenas ao fado, mas também às constantes mudanças na dinâmica social do bairro. Contudo, quando lhes foi pedido que destacassem uma dessas infra-estruturas turísticas, as escolhas distribuíram-se maioritariamente pelos espaços de consumo turístico, deixando para trás as “Atrações Culturais” e o “Comércio Tradicional”. A opção “Restaurantes” foi a principal eleita por quase 52% dos indagados, onde se incluem as tradicionais Casas de Fado, seguindo-se o “Comércio Turístico” com 15 escolhas (rodando os

26%). Veja-se, por exemplo, o caso da emblemática Rua de São Pedro, actualmente povoada por diversas lojas de souvenirs, tascas e restaurantes, sendo que “estes novos comércios vieram substituir as actividades tradicionais que lá existiam e que eram específicas e características da zona” (Benis, 2011: 46).

Perguntas	Respostas	Nº de respostas	%
1	Sim	58	86,6
	Não	9	13,4
1.1.	Hotéis	6	10,3
	Aluguer de casas	7	12,1
	Restaurantes	30	51,7
	Atrações Culturais	0	0
	Comércio Tradicional	0	0
	Comércio Turístico	15	25,9
2	Cresceu	60	89,6
	Manteve-se igual	7	10,4
3	Sim	19	28,4
	Não	48	71,6
3.1.	Ruído	3	15,8
	H. Urbana	0	0
	Insegurança	1	5,3
	Demasiado Movimento – Dia	2	10,5
	Demasiado Movimento – Noite	2	10,5
	Acessos/Transportes	11	57,9
	Outro	0	0
4	Sim	55	82,1
	Não	12	17,9
4.1.	Espaços públicos/paisagens	0	0
	Monumentos/Edifícios históricos	5	41,7
	Estrutura do bairro	4	33,3
	Festas populares	2	16,7
	Comércio tradicional	1	8,3
	Outro	0	0

Quadro 7: Resultado dos inquéritos aos habitantes de Alfama.

Embora com menor expressão, pouco mais de 22% dos inquiridos expressaram-se pela importância da concentração de unidades hoteleiras e alojamentos turísticos em Alfama, para

usufruto dos turistas ou dos alunos ao abrigo do programa *Erasmus*. Bastos (*in* Expresso, 2015) adianta que ali “quase não há beco ou viela onde não haja uma casa para arrendamento turístico e dezenas de prédios ou apartamentos estão em obras, em vias de ter o mesmo destino”. Em desabafo, quando questionados sobre este assunto, diversos moradores queixaram-se da existência de várias casas particulares em situação de subaluguer ou de proprietários privados que reabilitam prédios para arrendamento a turistas. O Sr. Vasco, proprietário da Sapataria Ondina na Rua dos Remédios, conta que, actualmente, cerca de 60% dos moradores não são alfamistas, apelidando-os de “gaivotas” por se instalarem uma semana, para depois dar lugar a novos forasteiros.

Quando confrontados com um provável aumento do número de visitantes do bairro após a classificação do fado como Património Imaterial da Humanidade (pergunta 2), os moradores não hesitaram na sua resposta: quase 90% responde que “Cresceu”, o que reforça a ideia de que “todos os dias (e noites), ao longo de todo o ano, Alfama é procurada como objecto turístico por inúmeros visitantes, nacionais e estrangeiros” (Costa, 2008: 52).

Relativamente ao possível transtorno na vivência diária dos habitantes que a afluência de turistas em Alfama possa causar (pergunta 3), as suas respostas podem ser sustentadas a partir da seguinte ideia: se, por um lado, um pouco mais de 28% dos inquiridos considera que há uma alteração na vida rotineira do bairro, sendo que “é bastante generalizada uma atitude em relação aos turistas feita de um misto de ironia mordaz e hospitalidade lúdica, aproveitamento económico e condescendência protectora” (Costa, 2008: 53); por outro lado, 72% agradece a presença quotidiana dos turistas, havendo da parte dos moradores “uma enorme disponibilidade lúdica, de incorporação do visitante em práticas de diversão e de convívio, de jogo e de festividade, em que a ambivalência entre a hospitalidade e a derisão é permanente” (Costa, 2008: 53).

Quando interrogados sobre de que forma é que a presença de turistas pode afectar a vivência normal em Alfama, presente no subtópico 3.1. do inquérito, 19 inquiridos responderam que o “Demasiado Movimento”, seja diurno ou nocturno, bem como o “Ruído” causado, são dois dos principais motivos para o incómodo que sentem com a presença de turistas no bairro. Porém, o factor “Acessos/Transportes” (58%) parece ser aquele que mais preocupa os habitantes, nomeadamente os *tuk-tuk* turísticos e os eléctricos que diariamente se enchem de turistas e que circulam nas zonas históricas lisboetas, não havendo espaço, por vezes, para os transeuntes circularem. Esta questão foi abordada em quase todas as conversas com os habitantes do bairro sendo que, por diversas vezes, teve de existir uma interrupção no

diálogo para deixar circular estes meios de transporte, tornando-se o espaço reduzido nos becos apertados de Alfama.

No que concerne ao facto de o fado poder ser o principal atractivo do bairro (questionado na quarta pergunta), os habitantes não hesitaram: cerca de 82% dos inquiridos aponta-o como o rei de Alfama, confirmando “o lugar importantíssimo que o fado ocupa na configuração dos padrões culturais locais, bem como a persistência dessa presença estruturante” (Costa, 2008: 120). Note-se, por exemplo, o Museu do Fado que recebe turistas diariamente em qualquer altura do ano, a realização anual do Festival Caixa Alfama em homenagem à cultura portuguesa com intérpretes célebres do fado ou a criação do Roteiro Virtual do Fado que permite explorar os diversos espaços performativos deste género musical.

Definitivamente é notória a relevância da actividade turística para o bairro de Alfama de acordo com aqueles que o habitam. No entanto, “o sentimento – ou o ressentimento – de que os turistas invadem o bairro, de certo modo se aproveitam dele, sem deixar nada em troca, é bastante generalizado” (Costa, 2008: 53). Os moradores vivem no e para o bairro, caracterizando-o como se este fosse a sua alma, daí a atitude reticente de alguns perante a crescente afluência e permanência de turistas no local. À data da aplicação dos inquéritos, ainda nada se havia decidido relativamente à constante presença dos *tuk-tuk* nas zonas históricas de Lisboa. Contudo, a proposta da CML de criação de um novo regulamento municipal em certas freguesias do centro histórico relativo aos veículos de animação turística, como é o caso de Santa Maria Maior, avança com restrições à circulação, ao ruído, a horários e definição de espaços de estacionamento e paragem. Assim, os moradores que se queixam do barulho e da poluição causados por este meio de transporte podem, no futuro, vir a ter um pouco mais de sossego, uma vez que Fernando Medina, actual presidente da CML, anunciou que, a partir de Janeiro de 2017, só poderão circular *tuk-tuk* eléctricos na capital (Boaventura, *in* Público, 2015), o que reduzirá significativamente os impactos ambientais causados.

5.3. TURISTAS

Este público-alvo constituiu parte fundamental nesta investigação pela maneira decisiva como tem influenciado positivamente o turismo e a economia em Portugal. Lisboa é cada vez mais o palco das principais movimentações turísticas dentro do país e a visita aos centros históricos da cidade são cada vez mais frequentes devido à sua autenticidade e

tradição secular. Alfama não é excepção, sendo um dos bairros mais visitados da capital, tendo na oferta cultural (onde se inclui o fado) o seu principal atractivo. A partir das respostas obtidas pelos turistas de visita ao bairro, elaborou-se o Quadro 8.

Como se pode observar nos resultados da pergunta 1, mais de 2/3 dos inquiridos encontrava-se de visita ao bairro pela primeira vez (88%), o que vem confirmar a posição de Alfama como “lugar obrigatório de passagem dos percursos turísticos pela cidade” (Costa, 2008: 61). Porém, quando questionados sobre o facto de já terem ouvido falar deste bairro anteriormente (pergunta 2), as respostas dividem-se entre os 60% (“Sim”) e os 40% (“Não”). Daqueles que responderam afirmativamente, as respostas à pergunta 2.1. mostram que os “Amigos/familiares” tiveram um papel decisivo aquando da sua escolha prévia em visitar o bairro (cerca de 37%). Para além disso, as restantes opções foram: “Meios de comunicação social” (cerca de 27%), “Folheto/livro turístico” (30%) e “Agência de viagens/Hotel” (um pouco menos de 7%). Estes resultados reforçam a importância dos recursos externos ao bairro como meios de aconselhamento de visita ao mesmo. Costa (2008) defende que, para além do papel relevante que as agências de viagens e a literatura de promoção turística têm para o bairro de Alfama, os recepcionistas hoteleiros e os taxistas da cidade podem ser importantes agentes no que concerne à orientação dos turistas e à informação transmitida e propagada sobre o bairro, contribuindo também para a sua visibilidade social. Contudo, não é claro que o último grupo salientado pelo autor tenha um papel decisivo na escolha dos turistas em visitar Alfama.

Em resposta ao motivo que levou os inquiridos a querer conhecer particularmente esta zona, evidenciado na terceira pergunta, ao contrário do que era esperado, o fado não foi a principal razão de visita ao bairro (com apenas 16%). De facto, os “Monumentos/Edifícios históricos” (44%) e a “Estrutura do bairro” (36%) parecem ser as principais motivações dos turistas que visitam Alfama. Segundo (Gomes, 2011: 26), “monumentos, edifícios históricos, o traçado labiríntico e uns ocasionais vislumbres da vida privada, que se confundem com o mais autêntico dos modos de vida lisboetas, proporcionam as imagens pitorescas que parecem dar a Lisboa a sua identidade”. Locais como a Sé de Lisboa, o Panteão Nacional, a Igreja de São Miguel, a Igreja de Santo Estêvão, o Chafariz d’El Rei, o Miradouro de Santa Luzia ou o Miradouro das Portas do Sol, são algumas das atracções mais apreciadas pelos turistas que percorrem diariamente Alfama.

Perguntas	Respostas	Nº de respostas	%
1	Sim	44	88
	Não	6	12
2	Sim	30	60
	Não	20	40
2.1.	Amigos/familiares	11	36,7
	Meios de comunicação social	8	26,7
	Folheto/livro turístico	9	30
	Agência de viagens/Hotel	2	6,7
	Outro	0	0
3	Espaços públicos/paisagens	0	0
	Monumentos/Edifícios históricos	22	44
	Estrutura do bairro	18	36
	Comércio tradicional	2	4
	Restauração/Fado	8	16
	Outro	0	0
4	Sim	36	72
	Não	14	28
4.1.	Amigos/familiares	8	22,2
	Meios de comunicação social	14	38,9
	Folheto/livro turístico	11	30,6
	Agência de viagens/Hotel	3	8,3
	Outro	0	0
5	Sim	7	14
	Não	43	86
5.1.	Sim	21	48,8
	Não	6	14
	Talvez	16	37,2
6	Sim	49	98
	Não	0	0
	Talvez	1	2

Quadro 8: Resultado dos inquéritos aos turistas.

Quando abordados sobre uma das mais conceituadas expressões da cultura portuguesa – o fado –, em “Alguma vez tinha ouvido falar em ‘fado’?”, alguns dos inquiridos responderam que nunca tinham tido conhecimento do mesmo (28%). Contudo, vários esforços têm sido feitos pelo Turismo de Portugal desde 2011 no sentido de aumentar a visibilidade externa de Portugal através da utilização do fado, “aumentando a presença desta

temática nas suas ações de divulgação turística do Destino no estrangeiro e apostando na comunicação online” (Turismo de Portugal, 2011). Através da comunicação digital pelas redes sociais e pelos portais de promoção do país, da presença em diversas feiras internacionais de turismo ou na campanha internacional turística “Portugal: The Beauty of Simplicity”, a classificação do fado como Património Imaterial da Humanidade passa a ser, de acordo com o Turismo de Portugal (2011), “indissociável da imagem internacional de Portugal e permanecerá, por isso, um dos principais atributos de promoção do nosso Destino turístico no estrangeiro”. Esta estratégia promocional pode explicar que 72% dos inquiridos já tenham algum conhecimento/contacto com o fado.

Os resultados da pergunta 4.1., parecem também apontar no mesmo sentido, uma vez que quase 70% dos inquiridos obteve tal conhecimento através dos “Meios de comunicação social” (39%) e do “Folheto/livro turístico” (quase 31%), o que contribui em larga escala para a promoção interna e externa do bairro com destaque para dois aspectos fundamentais a si associados: “a sua visibilidade e a sua visitabilidade” (Costa, 2008: 57).

Relativamente à pergunta “Já frequentou alguma casa de fados neste bairro?”, 7 dos 50 inquiridos já o tinham feito, enquanto os restantes 43 não tinham ainda frequentado nenhum estabelecimento com espectáculos de fado. Todavia, respondendo à questão 5.1., 21 deles considerava forte a possibilidade em agendar uma visita a uma Casa de Fados durante a sua estada em Alfama, enquanto 16 deles responderam que “Talvez” visitassem um destes estabelecimentos, se tivessem tempo para o fazer durante a sua estada já previamente programada. No entanto, mesmo não indo a uma tradicional Casa de Fados em Alfama, a sexta e última pergunta mostra que 98% dos inquiridos prevê recomendar a visita ao bairro a outras pessoas, o que vem comprovar que os turistas “contribuem, através das práticas de visita ao local e das suas repercussões narrativas perante terceiros, para reproduzir de forma alargada a visibilidade social de Alfama” (Costa, 2008: 54).

Resumindo, os turistas constituem-se como um essencial contributo para a visibilidade de Alfama e das suas Casas de Fado. Segundo um estudo realizado por uma aplicação que recolhe fotos da rede social *Instagram* e finalista da *Tourism Innovation Competition*, lançada pelo The Lisbon MBA e pelo Turismo de Portugal, “as fotos de Alfama são as mais partilhadas no Instagram pelos turistas que visitam Lisboa” (Castro, *in* Económico, 2015). Tal facto demonstra a promoção e divulgação de Alfama proporcionada pelo público estrangeiro, que cada vez mais se cruza todos os dias entre os becos apertados e sinuosos do bairro.

Actualmente, são escassos os *flyers* de propaganda turística ou os *guide books* de Lisboa onde não esteja incluída uma *tour* por Alfama (seja a pé ou de *tuk-tuk*) ou um jantar à

meia-luz numa tradicional Casa de Fados. Decerto que a nomeação do fado como Património Imaterial da Humanidade veio acentuar a procura turística deste produto cultural português, tendo nos turistas o principal meio de divulgação e valorização externa de Alfama e do Fado.

CONCLUSÕES FINAIS

No começo da presente dissertação pretendia-se responder à seguinte questão: Será o Fado capaz de valorizar e promover turisticamente os bairros lisboetas? Tal pressuposto seria sustentado por três vertentes fundamentais à condução deste estudo, sendo elas: a patrimonial – dado que o fado foi classificado como Património Imaterial da Humanidade – a promocional – a fim de se avaliar a valorização e promoção turística do fado no bairro de Alfama – e a motivacional – necessária para compreender os principais motivos dos turistas ao quererem visitar este local.

Os objectivos traçados inicialmente mostraram-se pertinentes e permitiram compreender quais os contributos essenciais que o fado, considerado um dos pilares mais importantes da cultura e expressão artística portuguesas, arroga na valorização e consequente promoção turística dos bairros tradicionais da cidade de Lisboa, nomeadamente em Alfama.

Como foi possível verificar ao longo da investigação, o fado elevou o seu estatuto de símbolo da identidade nacional, sendo internacionalmente reconhecido após 27 de Novembro de 2011, dia que reforçou a importância deste produto cultural. Classificado como Património Imaterial da Humanidade pela UNESCO, o fado catapultou-se além-fronteiras, abriu espaço a novos palcos, permitindo um apoio externo na sua divulgação, nomeadamente ao nível turístico. A partir desse momento, o universo fadista assumia a sua multidimensionalidade, revelando-se no e para o mundo.

Embora a génese do fado seja controversa entre os diversos autores, é importante frisar que este veio a sofrer paulatinamente um processo de modificações com o avançar dos séculos. As transformações de cariz político, social e cultural do panorama nacional influenciaram as referidas modificações e deram azo a que actualmente o fado se possa exprimir e (en)cantar livremente e sem tabus. A sua evolução foi notória sobretudo após a abolição das medidas repressivas impostas pelo Estado Novo, o que levou ao amadurecimento das composições e consequente enraizamento na identidade portuguesa, pondo de parte o carácter marginal e clandestino que lhe era associado. Desta forma, assistia-se à dissipação de uma sociedade urbana marcadamente boémia, ao mesmo tempo que o fado se tornava um importante vínculo da música popular portuguesa, encontrando o seu expoente máximo na cidade de Lisboa e nos estabelecimentos destinados para o efeito. Portanto, constata-se que, efectivamente, o período que se seguiu ao 25 de Abril de 1974 foi decisivo para o desenvolvimento das expressões artísticas, nomeadamente daquele género musical.

Tal como o fado, também os estabelecimentos onde este é cantado sofreram uma progressiva evolução, abandonando o carácter boémio inicial para se transformarem em sofisticadas e, por vezes, dispendiosas Casas de Fado. Enfatizando o amor, o sofrimento, a melancolia ou o destino, seja profissional ou amador, é nas Casas de Fado das vielas estreitas dos bairros lisboetas que o fado melhor se representa, tendo no povo português e em muitos forasteiros os seus principais adeptos. Tal facto torna o fado um símbolo genuinamente lisboeta, fundindo-se entre os becos, as colinas, o rio Tejo e a luz deslumbrante da cidade.

Para além disso, ao longo desta pesquisa confirmou-se também que a profissionalização e sofisticação das Casas de Fado, o aumento de novos e jovens artistas que vieram rejuvenescer o estilo musical e os seus espaços e a sua aliança à vertente gastronómica, foram os principais factores que permitiram que houvesse um desenvolvimento do sector turístico nos locais confinados ao fado em Lisboa. A união entre dois símbolos do património nacional – o fado e a gastronomia – fez com que num só espaço se pudesse experienciar o que de melhor a cultura portuguesa pode oferecer, possibilitando um enriquecimento da experiência turística e uma gradual aposta nos produtos endógenos. Vender e apostar naquilo que é nacional tem sido cada vez mais uma constante na actividade comercial, sobretudo para alargar o sector do turismo em Portugal.

Consequentemente, a cidade de Lisboa tem assistido gradualmente a um vaivém de turistas que todos os dias calcorreiam as ruas animadas da cidade, o que foi também possível observar ao longo do trabalho de campo realizado. O fado e todas as atracções que se lhe associam contribuem para esta presença assídua de turistas, com particular realce nos bairros históricos lisboetas como Alfama, Bairro Alto, Mouraria ou Madragoa, que representam hoje a Lisboa antiga, através de sucessivas medidas de reabilitação e requalificação, a fim de garantir a manutenção e preservação do seu acervo histórico e patrimonial.

As metodologias utilizadas nesta investigação possibilitaram um estudo mais aprofundado sobre a verdadeira expressão do fado no bairro de Alfama e do seu contributo no aumento da visitação turística. O levantamento funcional realizado ao bairro de Alfama, bem como os inquéritos aplicados a três dos intervenientes no mesmo, permitiram, no geral, verificar que o bairro é um ponto imprescindível nos diversos itinerários da cidade de Lisboa, particularmente por estar intimamente ligado à sua origem e evolução.

Por serem dois processos metodológicos que se complementam, o levantamento funcional do bairro foi-se realizando ao mesmo tempo e no mesmo espaço que os inquéritos. O primeiro processo acabou por revelar-se um trabalho interessante e pertinente para o estudo, numa área um tanto desconhecida para mim (urbanismo), que me despoletou uma

certa criatividade e interesse acrescido no estudo de caso e posterior eficácia no tratamento dos resultados. Relativamente aos inquéritos, aplicados junto dos proprietários das Casas de Fado, dos habitantes de Alfama e dos turistas de visita ao bairro, aqueles acabaram por ser uma experiência igualmente enriquecedora, tanto a nível pessoal como académico, pois permitiram-me conhecer e fazer um pouco parte do modo de vida de um dos bairros da cidade ao calcorrear as suas ruas labirínticas sem precisar de pedir informações adicionais.

Um dos pontos fortes destas duas etapas foi a prestabilidade e aproximação directa a grupos relacionados com a vida de Alfama, sobretudo no que se refere aos habitantes, uma vez que, quando abordados, me faziam sentir como se fosse do bairro, respondendo a todas as questões sem levantarem problemas ou querendo saber mais sobre o tema deste trabalho. A descoberta de novos lugares alusivos ao fado dentro do bairro e a partilha de experiências e histórias com os residentes foram uma constante aquando das visitas a Alfama. Devido aos meses escolhidos para a aplicação dos instrumentos metodológicos (Verão), a facilidade em encontrar turistas e conseguir resultados fidedignos foi maior, por ser uma época de tradições e festas populares um pouco por toda a cidade e, particularmente, por Alfama.

A maior dificuldade durante o processo de recolha de dados foi a inexistência de informação credível acerca da totalidade das Casas de Fado existentes no bairro. Não havendo nenhum local capaz de fornecer este tipo de informação, a procura teve de ser feita percorrendo todas as artérias do bairro. Contudo, isto também levou a que, a cada dia de pesquisa efectuada no campo, o conhecimento e o interesse por Alfama e pelo fado aumentassem.

No quarto e quinto capítulos da investigação abordam-se elementos-chave para esta reflexão final, uma vez que se relacionam com a abordagem ao local de realização do estudo de caso e com a apresentação e justificação dos resultados obtidos. Ao longo da investigação, mas sobretudo no capítulo quatro, confirmou-se a representatividade e a distribuição espacial das Casas de Fado existentes em Alfama. Como foi possível observar, a Rua da Regueira, a Rua dos Remédios e o Largo do Chafariz de Dentro são, definitivamente, as artérias principais do bairro. É nestes locais que se concentram os espaços ligados ao fado, a afluência diária de grande quantidade de pessoas (sejam turistas ou residentes) e a existência de infra-estruturas de lazer, comércio e cultura (tais como as colectividades). O facto de ser um bairro labiríntico e mas convergente para locais centrais permite que os lugares acima mencionados sejam reconhecidos como locais de partilhas e de vivências rotineiras do bairro e como locais de convivência habituais.

Confirmou-se também que os residentes de Alfama continuam a estimar o bairro tal como o conheceram, sendo que muitos ainda mantêm as suas habitações de juventude. Verifica-se, contudo, uma notória junção de gerações, com uma população jovem a optar por passar a residir no bairro. Sem quererem ter conhecido outro local para morar, os genuínos alfamistas carregam um forte sentimento de pertença ao bairro. No entanto, como referimos, vem-se assistindo progressivamente a um decréscimo da população residente, sobretudo à custa dos habitantes mais idosos, contribuindo em larga escala para o processo de gentrificação do local, o que se torna preocupante, sobretudo para os moradores. Actualmente estamos perante um bairro onde o moderno se funde com o tradicional, mas que tudo faz para manter e preservar as suas tradições culturais fortemente enraizadas e para que Alfama não se dilua na constante presença de turistas.

O quarto capítulo confirmou ainda que as Casas de Fado, um dos símbolos mais procurados pelos turistas dentro do bairro (depois dos principais edifícios com valor patrimonial), passaram a ser uma fonte de enriquecimento cultural, social e económico em Alfama, estando de entre as atracções que mais visitantes são capazes de atrair. Estrategicamente pensado, o ambiente fadista no bairro torna-se ímpar, tendo nos estabelecimentos nocturnos um pilar fundamental para a valorização e divulgação turística do fado. Funcionando como restaurantes que oferecem o melhor da comida nacional, as Casas de Fado em Alfama têm sempre as portas abertas em qualquer altura do ano, o que é também impulsionado pela presença de turistas cada vez mais adeptos deste produto cultural, em detrimento da queda de procura pela população portuguesa, principalmente devido ao montante mínimo de consumos exigido nos estabelecimentos com maior fama e repertório fadista.

Embora continue a estar presente na alma portuguesa, hoje o fado é um produto concebido para turistas. É possível concluir que as mudanças sociais e políticas que se foram sentido no país e reflectindo na vida dos portugueses provêm também das próprias mudanças de atitude, de crenças, de diferentes culturas e partilhas. Ou seja, o facto de o português já não ir tanto ao fado ou simplesmente não se interessar por ele não deriva só da presença dos turistas e da turistificação do produto em si, mas também de uma larga mudança nos padrões culturais da nossa sociedade ao longo dos séculos e que permite concluir que nos dias de hoje já não somos automaticamente reconhecidos pelos três FF.

A afluência habitual numa Casa de Fados em Alfama, como se pôde observar nos resultados obtidos nos inquéritos ao longo do quinto capítulo, demonstra o impacto socioeconómico que o sector turístico pode ter nas zonas históricas da cidade, sendo que a

maior parte da procura provem de clientes estrangeiros capazes de suportar os consumos habituais praticados nesses estabelecimentos. Apesar dos portugueses terem um acesso mais restrito a este tipo de espaços devido à falta de condições financeiras, é importante que não deixem de apreciar e divulgar um dos elementos mais simbólicos para Portugal e que tantas distinções lhe tem feito valer.

Ora, de acordo com os dados obtidos nos inquéritos, se a procura por estes espaços é feita maioritariamente por estrangeiros, as técnicas de propaganda e divulgação têm a sua origem nos sectores que mais lidam com o turismo em Portugal. O papel de alguns agentes que interagem com o público estrangeiro, como por exemplo, as agências de viagens e/ou os hotéis, tornaram-se importantes para que Alfama e as suas Casas de Fado recebam diariamente um número considerável de visitantes. No bairro observou-se um aumento dos espaços de uso turístico, destacando-se as áreas da hotelaria, restauração e comércio. No entanto, importa frisar que muitos dos residentes também puderam beneficiar deste incremento, uma vez que muitos, envolvidos em dificuldades económicas, vêem no turismo a possibilidade de subsistência pela criação de emprego local, através da criação de espaços de venda ambulante, de artesanato, de souvenirs ou mesmo nas Casas de Fado.

Mas, se o turismo é capaz de transportar consigo benefícios para a valorização e dinamização dos bairros históricos, pôde verificar-se que, para a população alfamista, o sentimento de pertença pode ser mais importante do que o crescimento económico de um determinado local. Hoje em dia presenciamos a rápida concentração de unidades hoteleiras (formais e informais) e turísticas, não só em Alfama, mas em muitos bairros históricos de Lisboa. Um crescente número de estrangeiros, em busca de preços relativamente baixos (quando comparados com outras unidades hoteleiras situadas em locais com património histórico), de espaços exóticos e ao mesmo tempo urbanos, beneficiando com as condições climáticas do país e a hospitalidade alfamista, vê no arrendamento de habitações a outrem o negócio ideal para passar uma temporada no bairro.

Não são ao acaso as diversas queixas feitas por parte dos moradores acerca desta procura excessiva de locais de alojamento turístico que pode gerar sérios impactos de índole social e cultural. Se, por um lado, a presença dos turistas é positiva pois serve como principal meio de divulgação de Alfama e do fado, os residentes apreciavam mais o bairro outrora, uma vez que toda a gente se conhecia, algo que já não acontece com tanta facilidade. Tal situação se não for devidamente controlada pelas entidades competentes, pode vir a gerar um choque de culturas, podendo levar à perda da autenticidade do bairro. Se, por um lado, o turismo pode ser um importante pilar para o crescimento da economia nacional, há que ter atenção os riscos

que o mesmo pode trazer, destacando-se um desconforto na vida dos moradores e a descaracterização dos lugares, nomeadamente nos bairros históricos.

Ainda assim, é de notar o maior destaque conferido pelos habitantes aos benefícios que a actividade turística transporta para o bairro de Alfama. Favorecido pela sua localização, devido a uma rede de transportes optimizada e à proximidade do porto de cruzeiros, este bairro pode vir a crescer ainda mais turisticamente num futuro próximo, tendo no fado um dos seus atractivos. Para tal, é necessário continuar a ter em devida consideração a cultura e tradições do local, conservando a sua riqueza histórica e patrimonial. É igualmente fundamental que haja um respeito mútuo entre os turistas e a comunidade local.

Definitivamente prevê-se um futuro auspicioso para a promoção do fado nos bairros lisboetas. Como vimos, desde a sua designação como Património Imaterial da Humanidade, a procura por este género musical não pára de aumentar. Diariamente as Casas de Fado enchem-se de turistas e os seus proprietários agradecem. As ruas e vielas sinuosas de Alfama ganham vida modeladas entre um misto de hospitalidade e de reticência por parte da sua população. Os atractivos turístico-culturais alusivos ao fado recebem cada vez mais visitação, tanto do público nacional como internacional.

Esta investigação permitiu conhecer e dar a conhecer Alfama dos novos tempos. O bairro é um dos mais importantes e conhecidos na cidade, conservando a sua antiguidade através do valor cultural, patrimonial e paisagístico que possui. De facto, e respondendo à pergunta de partida inicial (“Será o Fado capaz de valorizar e promover turisticamente os bairros lisboetas?”), provou-se que o fado é capaz de promover Alfama no seio do mercado turístico. Contudo, este trabalho mostra que há duas ressalvas para o futuro. Por um lado, o fado pode vir a ficar mais pobre se não for devidamente acautelada a sua sobrevivência. Para que nos continuemos a orgulhar deste símbolo cultural, há que ter em conta algumas condições, tais como a preocupação na composição de novas letras e a protecção da cultura que envolve o universo fadista. Por outro lado, há que promover o combate à gentrificação de que o bairro tem sido alvo e fazer um ajuste dos preços praticados nos estabelecimentos fadistas, de maneira a que seja de mais fácil acesso a todos, sobretudo à população portuguesa.

De facto, Portugal conta com o sector turístico, que anualmente gera milhares em receitas, para contribuir no esforço de crescimento económico. Lisboa, cidade carregada de vivacidade e cosmopolitismo, deixa-se descobrir livremente a quem a queira visitar ou nela permanecer por uns tempos. E, claro está, ali temos Alfama, a descer do castelo até à beira-rio, cada vez mais visitada, fotografada e vivida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anacleto, M. (2008). *Fado - Itinerários de uma cultura viva*. Lisboa: Mill Books.
- Baldroegas, C. (2013). *O Outro Fado. Propostas de reprogramação do Museu do Fado*. Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
- Bastos, A. (1999). *Fado Falado*. Lisboa: Ediclube.
- Bastos, J. (2015, 1 de Agosto). A ver passar turistas. *Expresso*. Acedido a 1 de Novembro de 2015, disponível em: <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2015-08-01-A-ver-passar-turistas>.
- Belanciano, V. (2014, Setembro 19). Em todos os recantos de Alfama se ouvirá fado. *Público*. Acedido a 20 de Outubro de 2015, disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/em-todos-os-recantos-de-alfama-se-ouvira-fado-1670065>.
- Benis, K. (2011). *Vielas de Alfama - Entre revitalização e gentrificação: Impactos da “gentrificação” sobre a apropriação do espaço público*. Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.
- Boaventura, I. (2015, 15 de Setembro). Tuk tuk vão deixar de poder circular à noite em Lisboa. *Público*. Acedido a 7 de Novembro de 2015, disponível em: <http://www.publico.pt/local/noticia/restricoes-a-circulacao-de-tuk-tuk-em-lisboa-avancam-este-mes-1707904>.
- Calado, M., & Ferreira, V. (1992). *Lisboa: freguesia de Santo Estêvão (Alfama)*. Lisboa: Contexto.
- Canário, D. (2013). *O Papel do Guia Intérprete no Turismo em Lisboa*. INP - Instituto Superior de Novas Profissões.
- Câmara Municipal de Lisboa (s.d.). Lisboa Participa. Acedido a 2 de Junho de 2015, disponível em: http://www.lisboaparticipa.pt/pages/minha_lisboa.php/A=45___collection=cml_article
- Câmara Municipal de Lisboa (2011). Candidatura do fado à lista representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade. Acedido a 20 de Abril de 2015, disponível em: http://www.candidaturadofado.com/wp-content/themes/candidatura/docs/brochura_apresentacao_candidatura_fado.pdf.
- Carvalho, R. (1999). *Um Século de Fado*. Lisboa: Ediclube.
- Casarini, M. (2012). *Lisboa menina e moça: a personificação da cidade nas letras de fado*. São Paulo, Brasil.

- Castela, L. (2011). *A Guitarra Portuguesa e a Canção de Coimbra Subsídios para o seu estudo e contextualização*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Castro, C. (2015, 5 de Novembro). Fotos de Alfama são as mais partilhadas pelos turistas em Lisboa. *Económico*. Acedido a 10 de Novembro de 2015, disponível em: http://economico.sapo.pt/noticias/fotos-de-alfama-sao-as-mais-partilhadas-pelos-turistas-em-lisboa_233831.html.
- Correia, M. (1984). *Música Popular Portuguesa: um ponto de partida*. Coimbra: Centelha.
- Correia, M. (1992). *Nova Enciclopédia Portuguesa* (Vol. 1). Lisboa: Ediclube.
- Costa, A. (2008). *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural* (2ª edição). Lisboa: Celta.
- Costa, A., & Guerreiro, M. (1984). *O Trágico e o Contraste: o Fado no bairro de Alfama*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Costa, L. (2012). *Fado – Matriz para uma (nova) Política Cultural Externa. Uma Estratégia Cultural ao serviço de Portugal*. ISCSP, Lisboa.
- Decreto Lei n.º22/2012 de 30 de Maio. *Diário da República n.º105 - 1.ª série*.
- Decreto Lei n.º56/2012 de 8 de Novembro. *Diário da República n.º216 - 1.ª série*.
- Decreto Lei n.º11-A/2013 de 28 de Janeiro. *Diário da República n.º19 - 1.ª série*.
- Diário de Notícias (2015, 1 de Março). Turistas é que salvam as casas de fado. Diário de Notícias. Acedido a 20 de Outubro de 2015, disponível em: <http://www.dn.pt/portugal/interior/turistas-e-que-salvam-as-casas-de-fado-4428237.html>.
- Económico (2015, 29 de Julho). Portugal é o quarto país da União Europeia com mais receitas de turismo. *Económico*. Acedido a 20 de Outubro de 2015, disponível em: http://economico.sapo.pt/noticias/portugal-e-o-quarto-pais-da-uniao-europeia-com-mais-receitas-de-turismo_225021.html.
- EGEAC (2013). Relatório e Contas 2013. Acedido a 26 de Maio de 2015, disponível em: http://www.egeac.pt/wp/wp-content/uploads/2015/09/EGEAC_Relatório_e_Contas_2013.pdf.
- Felisberto, F. (2012). *Fado... Um estado de alma*. Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.
- Fonseca, R. (2011). *O novo fado: uma leitura transcultural*. Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho.
- Gomes, B. (2011). *A Rua e o Bairro na Construção da Imagem de Lisboa*. Instituto Universitário de Lisboa.
- Guerra, M. (2003). *Fado: alma de um povo: origem histórica*. Lisboa: Imprensa Nacional-

Casa da Moeda.

Guinot, M., Carvalho, R., & Osório, J. (1999). *Histórias do Fado*. Lisboa: Ediclube.

Lusa (2010, 28 de Abril). Lisboa: Candidatura vai dar ao Fado “dignidade que merece” - Carlos do Carmo. Acedido a 5 de Junho de 2015, disponível em: <http://www.dn.pt/feeds/lusa/interior/lisboa-candidatura-vai-dar-ao-fado-dignidade-que-mercede-carlos-do-carmo-1555557.html>

Lynch, K. (1960). *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.

Machado, C., & Rolim, C. (2013, 15 de Setembro). Como doze freguesias se tornaram uma. Acedido a 7 de Outubro de 2015, disponível em: <http://www.publico.pt/temas/jornal/como-doze-freguesias-se-tornaram-uma-27054236>.

Mangorrinha, J. (2013, 24 de Setembro). O fado, o turismo e Portugal. *Diário de Notícias*. Acedido a 26 de Maio de 2015, disponível em: http://www.dn.pt/inicio/opiniaio/interior.aspx?content_id=3437397&seccao=Convidados.

Mendonça, L. (2012). O fado e “as regras da arte”: “autenticidade”, “pureza” e mercado. *Sociologia, Revista Da Faculdade de Letras Da Universidade Do Porto*, XXIII, 71–86.

Murdock, A. (2011, 26 de Outubro). Best in Travel Readers’ Choice Award: and the winner is...Iceland. *Lonely Planet*. Acedido a 26 de Maio de 2015, disponível em: <http://www.lonelyplanet.com/europe/travel-tips-and-articles/76855>.

Nery, R. (2012). *Para Uma História do Fado*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Noivo, M. (2010). *Percurso pela Alfama Arqueológica*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

PENT - Plano Estratégico Nacional do Turismo (2007). Para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal. Acedido a 15 de Maio de 2015, disponível em: [http://www.turismodeportugal.pt/PORTUGU%C3%8AS/TURISMODEPORTUGAL/PUBLICACOES/Documents/PENT 2007.pdf](http://www.turismodeportugal.pt/PORTUGU%C3%8AS/TURISMODEPORTUGAL/PUBLICACOES/Documents/PENT%202007.pdf).

Pereira, M. (2011). *Aumento da atractividade e reforço da centralidade da baixa pombalina e bairros históricos*. Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

Portal do Fado (s.d.). *Letras do Fado*. Acedido a 15 de Dezembro de 2015, disponível em: http://www.portaldofado.net/component/option,com_jmovies/Itemid,336/.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (5ª edição). Lisboa: Gradiva.

Santos, G. (s.d.). Cálculo amostral: calculadora on-line. Acedido a 15 de Setembro de 2015, disponível em: <http://www.calculoamostral.vai.la>.

Silva, P. (2012). *As Iscas com Elas ou Iscas à Portuguesa: Património, Gastronomia e*

Turismo em Lisboa. ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.

THR (Asesores en Turismo Hotelería y Recreación, S. A.) (2006). 10 produtos estratégicos para o desenvolvimento do turismo em Portugal: Gastronomia e Vinhos. Acedido a 28 de Outubro de 2015, disponível em: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/Gastronomia e Vinhos 2006.pdf>.

Turismo de Portugal (s.d.). Património Portugal. Acedido a 10 de Agosto de 2015, disponível em:

[http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/Portugal%20Patrimonio%20\(2\).pdf](http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/Portugal%20Patrimonio%20(2).pdf).

Turismo de Portugal (s.d.). Prove Portugal. Acedido a 15 de Agosto de 2015, disponível em: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/Prove Portugal 2010.pdf>.

Turismo de Portugal (2011). Depois do apoio à candidatura a Património da Humanidade: Turismo de Portugal intensifica presença do Fado na promoção externa. Acedido a 9 de Novembro de 2015, disponível em: http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/media/Documents/PR2011/28112011_Turismo_de_Portugal_intensifica_presen%C3%A7a_do_fado_na_promo%C3%A7%C3%A3o_externa.pdf.

Turismo de Portugal (2016). Turismo em Números. Acedido a 20 de Janeiro de 2016, disponível em: [www.turismodeportugal.pt/Português/ProTurismo/estatísticas/quadrosestatisticos/Documents/O%20Turismo%20em%20Números/turismo%20em%20numeros%20novembro-15%20\(em%2021-01-16\).pdf](http://www.turismodeportugal.pt/Português/ProTurismo/estatísticas/quadrosestatisticos/Documents/O%20Turismo%20em%20Números/turismo%20em%20numeros%20novembro-15%20(em%2021-01-16).pdf).

UNESCO (2003). *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. Artigo 2º, alíneas 1 e 3.

Vang, B. (2005). *Um Estrangeiro em Alfama*. São João do Estoril: Sopa de Letras.

VisitPortugal (2012, 5 de Setembro). Fado, Património da Humanidade. *VisitPortugal*. Acedido a 22 de Agosto de 2015, disponível em: <http://pressroom.visitportugal.com/2012/09/fado-humanity-heiritage/>.

World Travel Awards (n.d.). *Lisbon, Portugal*. Acedido a 26 de Maio de 2015, disponível em: <http://www.worldtravelawards.com/profile-8079-lisbon-portugal>.